

A ALADI CONTA ESTÓRIAS...



ALADI .. em seus 20 anos
..... en sus 20 años

Associação Latino-Americana de Integração
Asociación Latinoamericana de Integración

AGRADECIMENTO

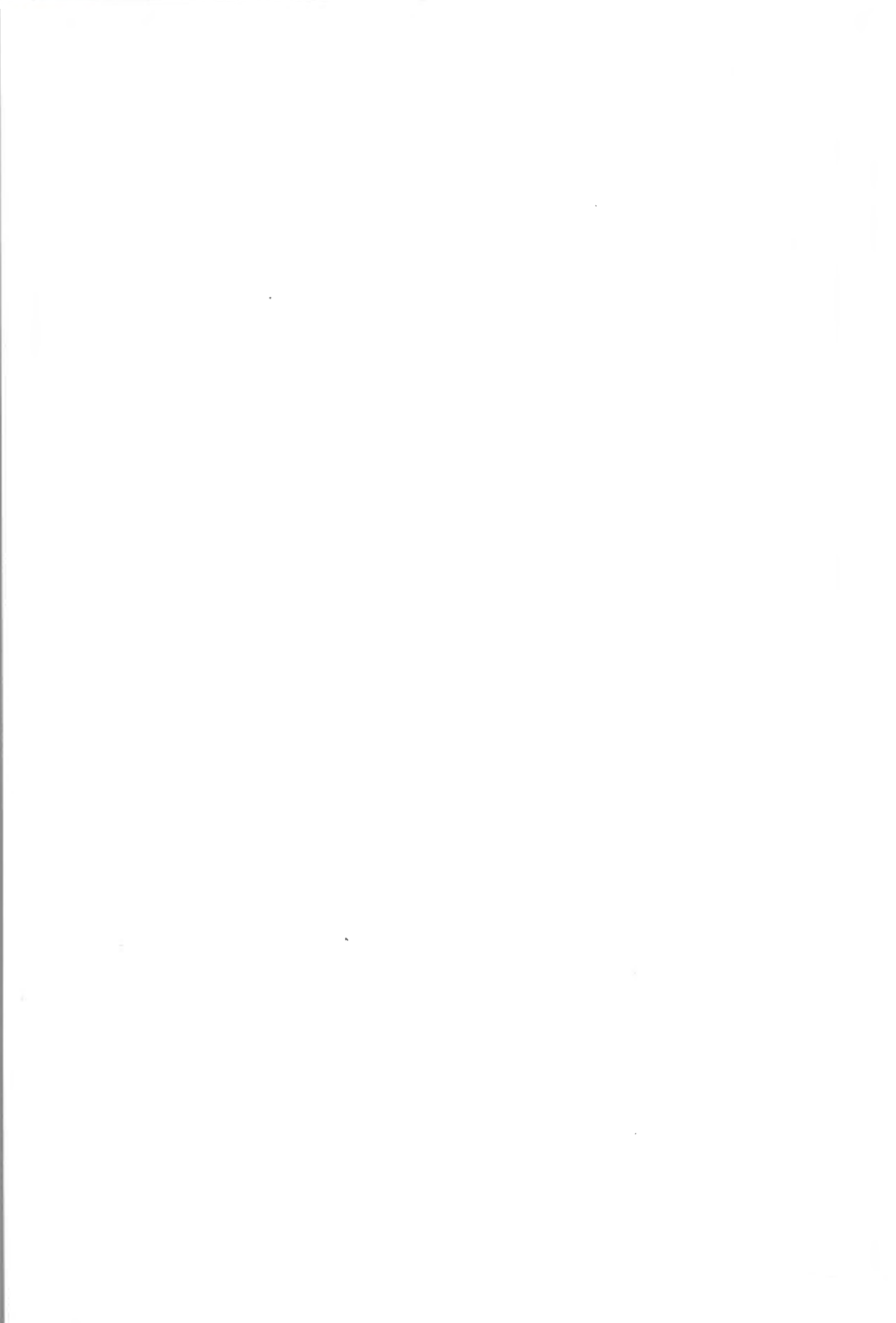
A colaboração espontânea e desinteressada da narradora Niré Collazo constituiu parte da matéria-prima para que o livro "A ALADI conta estórias" seja, hoje, uma realidade.

Desde o primeiro momento Niré pôs a nossa disposição, com esmerada dedicação e grande profissionalismo, seus profundos conhecimentos de especialista em literatura infantil e juvenil, tomando para si a árdua tarefa de selecionar e recopilar os contos que fazem parte desta publicação.

A seleção das obras literárias não foi realizada ao acaso nem de forma caprichosa. Niré busca que cada conto reflita os costumes e as raízes do país e que a somatória dos mesmos transmita a grande riqueza e diversidade da cultura de nossos povos da América.

As viagens imaginárias de nossas crianças ao escutarem o relato de Niré tornam possível que seu espírito e mente viagem para esses outros povos, tornando a integração uma realidade.

A Secretaria-Geral da ALADI agradece a Niré Collazo sua colaboração e participação em "A ALADI conta estórias".



A ALADI CONTA ESTÓRIAS

Ao darmos nossos primeiros passos no mundo da integração, começamos a pressentir o que mais tarde seria confirmado. Sempre dissemos e defendemos que a integração é, como parte de nossa história, essencialmente multidimensional, com expressões políticas, econômicas, sociais, culturais, científicas, tecnológicas, cotidianas e, por que não dizer, também idealizadas.

Quem poderia duvidar dos sonhos de nossos precursores, quando tiveram a valentia de documentar e concretizar seus sonhos de liberdade, independência e unidade?

Esses sonhos, com o passar do tempo, foram tomando forma e, progressivamente, transformaram-se em realidade.

Nós também sonhamos e, muitas vezes, esses sonhos nos levaram a pensar que formamos um único país, uma única pátria. Sempre nos perguntamos: quantos sonhos disseminaram nossos precursores? Seria muito fácil dizer que todos! Mas, também nos perguntamos quantos sonhos nós revelamos. Talvez, muitos (diríamos). Mas, quando, onde, com quem e para quem?

Quando lemos a história, e deveríamos lê-la com freqüência, vivemos e vibramos com a épica e emocionamo-nos ao descrever, cada vez mais, as causas e os efeitos de cada acontecimento que nos é narrado. E, muito mais, ao sabermos como são e como foram escritos os fatos de nossa história.

Nosso pressentimento voltou a renascer. Quando, onde, com quem e para quem são os sonhos que guiam e inspiram nosso trabalho? A razão de ser e agir, em primeiro lugar, como nacional, como multinacional, na dimensão multidimensional da integração de nossa América Latina.

Talvez sim, por que não?, quando começamos a planejar as comemorações dos primeiros vinte anos de nossa ALADI recebemos a sugestão de publicar este livro e acolhemos a idéia com agrado. Talvez pequena em sua apresentação, mas enorme em sua mensagem, em seu valor, em sua projeção de sonhos e de ideais.

Finalmente, já vemos uma luz. Própria, certamente. Essa luz que nos guiará em uma viagem imaginária através de nossos países-membros, de quem pedimos emprestados treze das melhores estórias infantis de treze de seus melhores contistas.

E, com eles, iniciamos nosso percurso, porque, finalmente, conseguimos abandonar essa dúvida que sempre nos acompanhou.

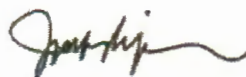
Nelas, as crianças, nossas crianças, viajarão nas asas da imaginação pelos céus de nossos países, que algum dia serão o céu de nossa pátria. Desde o sul do Rio Bravo até a Patagônia, desde esse imenso Rio da Prata, passando pelos indomáveis Andes, pela incensurável Amazônia, até atingirmos o Caribe, que

banha terras e que, pela mão do homem, pôde, na beleza do istmo, unir os dois oceanos que perfilam nosso continente. Marcos, todos, de tanto sentimento para nossos afetos.

Quis, por ocasião desta importante Reunião Ibero-Americana, onde se reúnem os Chefes de Estado e de Governo, unir-me ao decidido esforço e especial atenção que terão os temas centrais do encontro: "Infância e Adolescência." "A ALADI conta estórias" visa, então, acrescentar um grão de areia a tão significativa iniciativa, transformar-se em semente para nossas crianças que, com o passar do tempo, germinará e crescerá em um futuro não muito longínquo.

Portanto, iniciemos nossa viagem a bordo do "ALADI CONTA ESTÓRIAS". Cuidemos de nossos sonhos e cultivemos nossas crianças como os futuros grandes aliados dessa luta diária pela integração de nossa América Latina.

Montevideu, outubro de 2000.



Juan Francisco Rojas Penso
Secretário-Geral

...INTEGRAÇÃO
a união de todos em prol
de uma vida melhor...





O QUE É A ALADI?

A Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) é um organismo intergovernamental que reúne doze países-membros da América Latina como sócios:

ARGENTINA	COLÔMBIA	PARAGUAI
BOLÍVIA	CUBA	PERU
BRASIL	EQUADOR	URUGUAI
CHILE	MÉXICO	VENEZUELA

É um território de quase 20 milhões de quilômetros quadrados e mais de 430 milhões de habitantes.

QUANDO A ALADI FOI CRIADA?

A 12 de agosto de 1980, com a assinatura do Tratado de Montevidéu, sendo signatários todos os países da América do Sul e o México, criou-se a ALADI. A 26 de agosto de 1999, a República de Cuba passou a ser o décimo segundo país-membro da Associação.

POR QUE FOI CRIADA A ALADI?

Em 1960 foi assinado o primeiro Tratado de Montevidéu, que criou a Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC). Naquela época, os países latino-americanos negociavam, principalmente, com a Europa e com os Estados Unidos.

Como decorrência do após-guerra houve mudanças favoráveis para a economia dos países da América Latina, porque seus bens primários (carne, cacau, açúcar, etc.) encontraram mercados nessas nações devastadas. Pouco tempo depois, os países europeus iniciaram um reordenamento de suas economias e impulsionaram a recuperação do setor agrícola e industrial. Esta nova realidade incidiu negativamente nas exportações latino-americanas.

Os Governos latino-americanos, com a finalidade de encontrar medidas de correção e impulsionados pelas exigências de criar fontes alternativas de empre-

go para uma população com uma das maiores taxas de crescimento (2,6%), iniciaram planos de industrialização para atender às necessidades de abastecimento em bens de consumo duradouros e bens de capital. Este objetivo, unido ao interesse de captar maiores investimentos, destinados ao desenvolvimento do parque industrial, levava ao crescimento do pequeno mercado, obrigando, com a produção massiva, a queda de custos e o aumento do rendimento, permitindo melhores possibilidades de negociação.

Dessa forma, em 1960 assinou-se um acordo inicial entre sete países: Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru e Uruguai, tendo por objetivo alcançar uma maior integração econômica, através da ampliação de seus mercados e da expansão de seu comércio recíproco. A Colômbia, Equador, Bolívia e Venezuela uniram-se depois.

Em 1980, os Governos destes onze países modificaram o antigo Tratado e decidiram reafirmar a vontade política de fortalecer o processo de integração, torná-lo mais flexível em sua aplicação, e assinaram o novo Tratado de Montevideo (TM-80).

PARA QUE SERVE A ALADI?

- Para promover e regular o comércio recíproco dos países-membros.
- Para apoiar a complementação econômica entre eles.
- Para realizar ações de cooperação, que contribuam para a ampliação de seus mercados nacionais.

QUAIS OS OBJETIVOS DA ALADI?

A criação de uma área de preferências econômicas, tendo como objetivo final a criação de um mercado comum latino-americano.

A ALADI foi criada com o propósito de reduzir e eliminar gradualmente as dificuldades ao comércio recíproco de seus países-membros, impulsionar o desenvolvimento de vínculos de solidariedade e a cooperação entre os povos latino-americanos; promover o desenvolvimento econômico e social da região de forma harmônica e equilibrada, com a finalidade de garantir um melhor nível de vida para seus povos, renovar o processo de integração latino-americana e criar mecanismos aplicáveis à realidade regional.

COMO TUDO ISTO É FEITO PELA ALADI?

Através de três mecanismos:

- Preferência tarifária regional: consiste em uma redução percentual dos impostos cobrados por cada país a suas importações, quando os produtos provêm da região.
- Acordos regionais: são os acordos assinados entre todos os países-membros. Por exemplo: lista de abertura de mercados em favor dos países de menor desenvolvimento econômico relativo (Bolívia, Equador e Paraguai), acordo de cooperação científica e tecnológica, acordo de intercâmbio de bens nas áreas educacional, cultural e científica.
- Acordos de alcance parcial: são os acordos assinados entre dois ou mais países, sem obrigação de que participem todos. Existem quase 100 acordos deste tipo e de natureza muito diversa: promoção do comércio, complementação econômica e industrial, agropecuários, etc.

O TM-80 também permite que os países-membros da ALADI assinem acordos com outros países latino-americanos ou em via de desenvolvimento. Esta flexibilidade é um princípio fundamental do Tratado e procura a convergência, ou seja, o agrupamento progressivo dos acordos parciais para alcançar uma grande área de preferências e, depois, um mercado comum. Há aproximadamente 35 acordos subscritos com países não membros, como a Costa Rica, Guatemala, Honduras, Nicarágua, El Salvador, Panamá, Trinidad e Tobago, Guiana, etc.).

QUEM ORGANIZA OS TRABALHOS?

A ALADI está integrada por três órgãos políticos e um corpo técnico:

- Conselho de Ministros das Relações Exteriores: é a máxima autoridade, que adota as decisões mais importantes e indica as ações a seguir;
- Conferência de Avaliação e Convergência: está integrada por Representantes dos países-membros e tem entre suas funções examinar o funciona-

mento do processo de integração em todos os seus aspectos, a convergência dos acordos de alcance parcial através da multilateralização progressiva e promover ações de maior alcance para aprofundar a integração econômica;

- Comitê de Representantes: é o foro político permanente, responsável pela negociação e pelo controle de todas aquelas iniciativas destinadas a aperfeiçoar o processo de integração. Está integrado pelas Representações Permanentes dos países-membros; e
- Secretaria-Geral: é o corpo técnico da Associação. Tem, entre outras funções, a de propor, analisar, estudar e fazer gestões para facilitar as decisões que os Governos devem tomar.

A Secretaria está dirigida por um Secretário-Geral e dois Secretários-Gerais Adjuntos e está constituída por 5 departamentos técnicos; possui, também, uma Biblioteca, cuja base de dados é uma das maiores em matéria de integração da América Latina.

O PORQUÊ DA ALADI NA VIDA ESTUDANTIL

- Porque toda esta organização está orientada a criar as condições necessárias para que a América Latina, através da união de esforços e de seu potencial de riquezas naturais, alcance um maior desenvolvimento e melhorias nas condições de vida, saúde, educação e trabalho de seus habitantes.
- Porque à vontade política de integrar-se, embora esteja incorporada a muitas das Cartas Magnas dos países, deve ser incluída a iniciativa do homem de negócios, do produtor, do industrial, dos fabricantes e comerciantes, aos quais corresponderá entender, aproveitar e utilizar as novas e múltiplas possibilidades que coloca à sua disposição o Tratado de Montevideu 1980.
- Porque aos estudantes, que são os que terão em suas mãos o futuro de nossos países, corresponderá entender, aproveitar e utilizar as novas e múltiplas possibilidades que coloca a sua disposição o Tratado de Montevideu 1980.



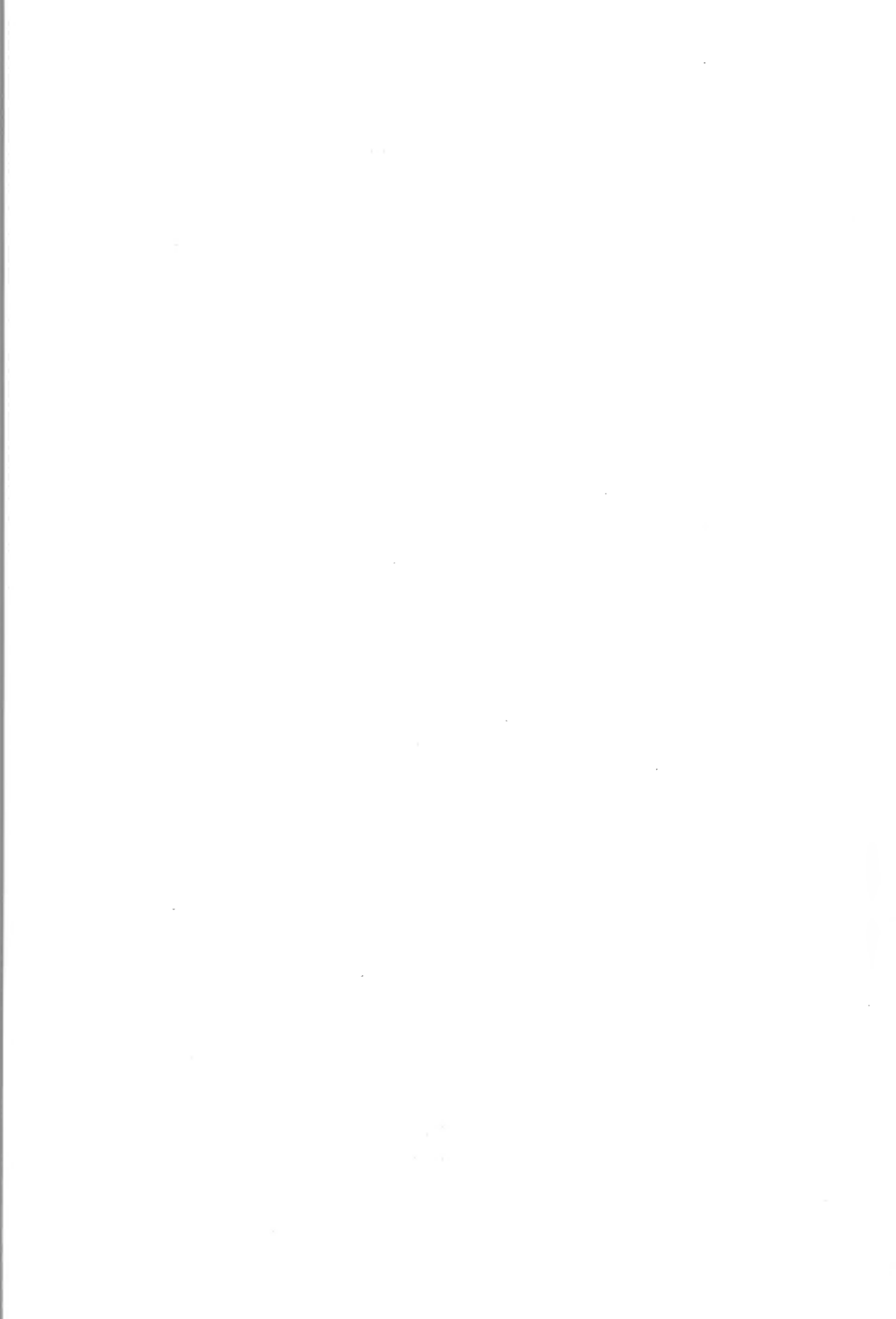
A ALADI CONTA ESTÓRIAS...





LISTA DOS CONTOS

- ARGENTINA "Pamela"
Autor: Ema Wolf
- BOLÍVIA "A Geleira"
Autor: Alcides Argüedas
- BRASIL "A Boitatá"
Lenda Popular
- CHILE "O Gigante Enterrado"
Autor: Jacqueline Balcells
- COLÔMBIA "O Homem-Jacaré"
Autor: Sandro Romero Rey
- CUBA "Manuelita"
Autor: Renée Méndez Capote
- EQUADOR "Os Papagaios"
Autor: Dom Federico González Suárez
- MÉXICO "O Príncipe Tukuluchú" (Coruja)
Lenda Popular
- PARAGUAI "Lenda das Cataratas"
Autor: Niré Collazo
- PERU "O Amaru"
Autor: Danilo Sánchez Lihón
- URUGUAI "A Tartaruga Gigante"
Autor: Horacio Quiroga
- VENEZUELA "O Romance da Tia Raposa e do Tio Coelho"
Autor: Daniel Mato
- PANAMÁ "Morte no Mar"
Autor: Gilma Guerra de López



ARGENTINA

PAMELA

A bisavô de Tomás era meio-irmã de meu bisavô. Por isso Tomás é meio-neto e meio-sobrinho de muita gente e, também, meu meio-primo.

Tomás não se preocupava com o corpo. Por isso, quando ficou sem dentes, não reagiu. Os pobres dentes foram tratados com tanta indiferença, que foram caindo, um por um, cheios de cáries. Ele os viu cair sem desgosto e até com curiosidade.

Até que ficou com uma boca de chupar manga.

Num verão (No Verão do Último Dente Caído) íamos, todos os dias, pescar.

Passávamos muitas horas à beira do rio, tentando pescar. E disso o Tomás gosta: tem jeito e paciência de um santo.

Quando não tínhamos mais iscas colocávamos nos anzóis o que tinha sobrado do lanche. Geralmente salsicha. Também restos de batatas e todas as passas de uva das tortas. O Tomás tem um jeito especial para tirar as passas de uva das tortas. Ele dizia que nesse rio não era preciso usar minhoca como isca porque a água era tão escura que os peixes não distinguem uma minhoca de um dente de alho.

Uma tarde, quando já se preparava para voltar, Tomás jogou o anzol com uma bala verde como isca; uma dessas balas, de eucalipto, que a gente chupa quando tem tosse.

Sentiu que puxavam o anzol.

Ele com força puxou a linha e ...

Apareceu uma dentadura!

Foi uma surpresa, mas ali estava. Uma dentadura em bom estado, completa, com dobradiça, com os dentes de cima e os de baixo. Ele a experimentou e mordeu com tanta força que não a tirou mais da boca.

Ficou doido. O melhor peixe do rio, um dourado de quatro quilos, não lhe teria dado tanta alegria.

Ele voltou para casa com a dentadura e foi difícil convencer o Tomás que devia lavar a dentadura antes de usá-la.

-A gente vai saber de quem é essa dentadura - dizia sua mãe, minha meio-tia.

E ele gritava:

-É minha. Eu a pesquei!

Pela manhã, quando usou a dentadura pela primeira vez, apenas mastigou ar para prová-la e sentiu vontade de sair correndo para comprar um pacote de balas verdes.

Mas, foi depois da dentadura que ele começou a comer sem parar as famosas balas.

A qualquer hora do dia era visto mastigando, com tanta paixão como se o mundo fosse acabar. Pela manhã, antes de abrirem o armazém, Tomás já estava esperando para comprar pacotes de balas. Nunca ofereceu a ninguém, não sei se era por ser pão-duro ou era para não distrair-se.

Sempre diziam: "Tomás, você está exagerando", mas ele não escutava. Passava no quintal, fazendo pontaria com uma bala depois da outra, enquanto contava os insetos da parreira. Era evidente que sua dentadura lhe pedia isso. Também era visível o encanto de Tomás por ela.

Deu-lhe o nome de Pamela.

Mostrava para todo mundo, lustrava-a, dava-lhe banhos de bicarbonato e, até a levava ao dentista, mesmo sem motivo. Vivia para ela. À noite, antes de dormir, guardava a dentadura em um copo com água e caía no sono, mas acordava para ver se ela precisava de alguma coisa. Ele dizia que ela conversava com ele e que ela sorria.

Na metade do outono, Tomás estava gordo, abatido e verde. E isso por causa das balas, porque já não comia outra coisa.

-Se eu como outra coisa, a Pamela faz barulho -dizia.

Piorou. Com enormes olheiras que chegavam até o chão e um cheiro forte de eucalipto.

Finalmente, o Tomás começou a sentir ódio da dentadura. Parecia que já não queria vê-la, coisa difícil de compreender, principalmente quando ela estava na boca.

Uma manhã anunciou que ia deixar de comer balas. Pouco depois apareceu gritando com um dedo mordido.

Então não pôde mais.

Uma tarde (A tarde do Último Dia da Pamela), fomos com ele ao rio e ele jogou a dentadura no mesmo lugar onde a tinha pescado. A despedida foi muito comovedora. Como ele disse, o rio devolve, às vezes, as coisas que caem na água, mas nunca as que a gente joga.

Com o tempo meu meio-primo Tomás mandou fazer uma dentadura nova.

Está muito contente. Mas já não tem a mesma atitude que tinha com a Pamela.

Ena Wolf
Livro Família
Editorial Primeira Sul-Americana



BOLÍVIA

AGELEIRA

Está longe ainda? -perguntou Agiali, parando em uma curva para respirar melhor. O montanhês apontou com o dedo a região das neves.

-Ainda. Mas, não muito. É perto da neve, em uma baixada.

O rapaz já não agüentava mais. Sentia o coração bater com força, zumbiam-lhe os ouvidos, e parecia que o ar tinha desaparecido dessas alturas, levado pela gigantesca massa da geleira.

Ali, a solidão era assustadora. Não havia sinais de vida humana nem de vida animal. Por todos os lados, a rocha viva, a flor da terra, o musgo escuro e feixes de palha nas gretas da pedra nua e quase brilhante sob os raios do sol.

Qualquer barulhinho tinha a sonoridade estranha e assustadora dos lugares ermos. A atmosfera era de uma transparência indescritível. Os objetos mais distantes ressaltavam seus contornos e o olhar se estendia até tropeçar com o horizonte e a cerração, confundida em uma linha azul. E sob o céu, erguiam-se os picos das montanhas -vermelhos escuros, amarelos ocres, azuis- até atenuar-se e diluir-se no infinito junto com uma linha rutilante, atrás de uma enorme mancha vermelha, polvilhada de pontos brancos e brilhantes.

-Você sabe o que é aquilo, lá longe? - perguntou o montanhês, indicando essa mancha.

Agiali olhou para o ponto indicado e disse sem vacilar:

-É a cidade.

Kalahumana olhou-o com espanto.

-E aquilo? - acrescentou, mostrando a linha brilhante de luz no espaço.

-Olhe! O lago... Minha terra! -susprou o rapaz, com o coração batendo.

-Como você vê bem!

E Kalahuamana, que a quilômetros costumava reconhecer sobre a rocha escura as marcas de um condor, pela primeira vez, sentiu inveja.

Agiali sorriu e lhe disse que tinha nascido no horizonte sem fim dos pampas, onde os olhos apenas não ultrapassavam o azul do céu.

Depois de uma hora chegaram finalmente ao limite das neves perpétuas, um vasto glaciário que avançava pelas encostas do monte, até deter-se ao pé da rocha cortada quase a prumo sobre o último pico, onde vinha morrer o infinito escalonado dos montes, cujos picos curvavam-se aos pés da geleira inacessível.

Ali, Agiali viu um fato extraordinário, que nunca pôde explicar, porque nunca chegou a suspeitar que as geleiras, como os rios, tivessem movimento e força suficiente para mover penhascos do alto dos cumes até o fundo dos vales.

Viu, e não podia acreditar no que seus olhos viam: pousados sobre finos pilares de gelo azulado e quase transparente, enormes penhascos de pedra preta. Estes pilares, assim coroados ou simplesmente lisos que, às vezes, tinham a elegância das colunas, jaziam em toda a extensão da geleira, menos à beira de uma lagoa circular, coberta por uma camada de neve que, como um pêndulo, balançava com o vento.

A geleira, vista de longe, dava a impressão de um rio de leite congelado. De perto, era um caos de coisas brancas, fechado nos lados por duas muralhas de granito. Em sua superfície ondulada havia gretas insondáveis, e a neve adquiria cores azuis e verdes, por onde corria a água transparente. E ruídos estranhos, ruídos como de cristal trincado, surgiam do fundo dessas gretas, que pareciam palpitar com uma vida vigorosa e hostil para a vida humana.

-E onde os animais podem pastar?- perguntou de repente Agiali, sentindo um medo incontrolável diante da grandeza dessa massa branca e viva.

O outro, sem responder, apontou para o muro lateral, que fechava a geleira, indicando-lhe que do outro lado estavam os animais.

E era verdade.

Um pouco mais abaixo das montanhas nevadas, em outra grande ondulação, cortada ao meio por um riacho de águas cristalinas, havia um prado verdejante, por onde pastavam numerosas alpacas, lhamas e ovelhas. Pequenos lagos e lagoas cor de esmeralda serviam de refúgio a bandos de gaivotas e gansos silvestres, com sua penugem branca que parecia retalhos de neve roubados da montanha.

Ali, entre burros e cavalos de pelo aveludado, estava a mula de Agiali, radiante pelo encontro com esses lugares, onde o homem nem chega a ver nenhum vestígio de inseto.

Alcides Argüedas



BRASIL

ABOITATÁ

Há muitos anos, no tempo em que não existiam máquinas, os animais andavam livres nas matas ou nos campos e os índios eram mais numerosos que os brancos; havia tanta terra disponível que era possível mudar-se de um lugar para outro.

Uma tribo começou a procurar um novo lugar para morar.

Andou, andou até que chegou a uma planície extensa, com árvores e água em grande quantidade. Uma grande alegria tomou conta de todos. As crianças corriam pelo prado atrás de preás, e chamavam os adultos, quando viam algum veado ou castor.

A noite ia chegando devagarinho, enquanto as mulheres preparavam canjica e os homens conversavam sobre o trabalho do dia seguinte. Os mais moços preparavam os instrumentos de caça. E tudo como em dia de mudança.

Antes de dormir, o mais velho de todos disse com orgulho:

-Vamos fazer um roçado tão grande que, quando pegar fogo, o incêndio vai esconder o Sol.

Todos festejaram suas palavras. E ele acomodou-se na rede para dormir.

Depois de muito tempo abriu os olhos, mas estava muito escuro, o que achou esquisito. Nem um feixe de luz! "Deve ser muito cedo ainda", pensou. "Acho que estou com vontade de fazer o dia amanhecer." E fechou os olhos novamente. Mas as horas passavam lentamente, sem que um fio de luz anunciasse o Sol. Um menino comentou que os grilos não cantavam, que não havia vento nem orvalho.

A escuridão e o silêncio foram deixando todos assustados. Além do cochicho das pessoas, só o canto do quero-quero fazia-se ouvir de vez em quando. Mas não era um canto normal, diziam as mulheres. Trazia uma sensação de angústia, que elas sentiam como um mau presságio.

De repente, uma luz riscou o céu. Inicialmente um brilho suave, mas, depois, um clarão mais forte que o de um raio, fazendo o verde do mato ficar branco como leite e cegando por instantes todos os seres. Tudo despertou de repente: lagartos, cobras, grilos, preás, pássaros, vento, capim... mas num escarcêu de pânico e terror. Depois, a luz foi diminuindo, até que tomou possível ver que o Sol havia aparecido e a noite tinha ido embora.

Vendo que a calma voltava e que os homens apanhavam suas ferramentas para o trabalho, o índio mais velho reuniu todos e advertiu:

-Aquilo que vimos, antes do Sol aparecer, era a Boitatá. Ela veio para nos avisar que não devemos fazer queimada.

-E o que é a Boitatá? - perguntou, ansioso, um dos meninos.

O velho se pôs a contar a estória que havia escutado de seus avós:

-Há muito tempo, houve uma grande inundação na Terra. Todos os animais, depois de fugir para os lugares mais altos, tentando salvar-se, foram tragados pelas águas. Não houve oca ou copa de árvore que escapasse. As águas cobriram tudo, como se quisessem lavar o mundo. Nem a boiguaçu, a cobra grande, que hibernava, pôde continuar dormindo. Mas, como era animal de água e de terra, saiu nadando tranquilamente. Quando as águas começaram a baixar, foram surgindo ilhotas, e aí se pôde ver a mortandade. A boiguaçu começou, então, a devorar os olhos dos animais mortos. E quanto mais as águas baixavam, mais animais apareciam para satisfazer sua gula. Sendo animal sem pêlo nem pena, sem escama nem casca, seu corpo foi ficando transparente e iluminado. Cada olho que ela comia era uma luzinha que se acendia dentro dela. Desse modo, depois de haver comido tantos olhos, a boiguaçu transformou-se em uma claridade que serpen-teava pelo chão. Os primeiros que a viram não a reconheceram. Deram-lhe o nome de Boitatá (cobra-de-fogo). Embora tivesse comido muitos olhos, eles não a alimentaram; apenas a iluminaram; por isso acabou morrendo. Mas, a luz que estava dentro dela escapou e saiu por aí, sem rumo, assustando as pessoas e perseguindo os desprevenidos. Essa luz é a Boitatá, que, por sua gula, foi condenada a vigiar para sempre os campos virgens contra os que querem incendiá-los. E ela só aparece no verão, como uma bola de fogo, correndo pelas planícies, de um lado para outro, incansável, sem queimar as plantas ou as árvores, sem esquentar a água dos rios ou dos lagos. No inverno tira de frio, mete-se numa toca e repousa.

-Então, teremos de abandonar este lugar? - perguntou um jovem.

-Não será preciso - disse o velho. Apenas não poderemos pôr fogo no roçado para a limpeza e o plantio. Teremos muito mais trabalho, mas obteremos melhor resultado.

-E se a Boitatá aparecer de novo? -perguntou uma das crianças, para garantir que não havia mais perigo.

-Digo a todos -respondeu o velho- aquilo que me disseram meus avós: ela só virá para nos vigiar, para ter certeza de nossas boas intenções. Quando a virem, bastará fecharem os olhos e permanecerem imóveis, sem respirar, até sentirem que ela foi embora. Caso contrário, a Boitatá os perseguirá e aturdirá até matá-los.

Lenda Popular



CHILE

OGIGANTE ENTERRADO

Era uma vez um país que tremia muito. Seus habitantes sabiam que centenas de metros abaixo da terra dormia um gigante muito comprido. Ele era tão comprido como todo o país. O problema com o gigante eram seus pesadelos, que o levavam a tremer tanto que a terra inteira estremecia, como se fosse apenas um fino lençol.

-Por que nosso gigante sonha tanto, mamãe? -perguntavam as crianças, um dia em que a terra havia tremido trinta vezes.

-Acho que é um gigante muito nervoso -respondia a mãe- porque os de outros países dormem tranquilos...

As avós tinham outra explicação:

-Antes de dormir o gigante tinha comido cem cordeirinhos, o que é muito, mesmo para um gigante. Por isso sua digestão era pesada e provocava pesadelos.

Fosse qual fosse a causa dos pesadelos do gigante, não havia dia no país em que a terra não tremesse e não se escutassem ruídos surdos subterrâneos. Mas, os habitantes estavam tão acostumados a viver em uma terra que se movia, que não tinham nem prateleira com enfeites de porcelana nas paredes, nem cristaleiras que pudessem cair; por isso viviam mais ou menos tranquilos.

-Se o gigante se move e urra dormindo, que fará quando acordar? -continuavam perguntando as crianças.

-Ah, meus filhos! -respondiam os pais-. Esperemos que nunca se levante, porque nosso país voaria pelos ares aos pedaços.

As avós, no entanto, eram mais tranquilas:

-A noite dos gigantes dura um milhão de anos, crianças. Vocês não têm por que se preocupar.

Mas, à medida que o tempo passava, o gigante que dormia começou a ter pesadelos cada vez mais assustadores, e os tremores eram cada vez mais violentos.

Os habitantes do país, então, começaram a assustar-se de verdade.

-Parece que sua noite de um milhão de anos está se acabando e o gigante está começando a acordar - diziam os mais nervosos.

-Estes gigantes que dormem um milhão de anos demoram pelo menos mil anos para acordar -respondiam os mais tranquilos.

Mas, quando os tremores eram mais fortes, as paredes de casas feitas de pedra rachavam e caíam coisas que nunca antes tinham caído, até os mais tranquilos ficavam inquietos. Então, reuniram-se os mais sábios do país, homens e mulheres, cada um com sua idéia diferente para acalmar o gigante.

-Cavemos um buraco muito profundo, tão profundo que chegue até o nariz do gigante -disse um engenheiro-Então, injetaremos litros e litros de éter para o gigante dormir profundamente.

A idéia foi aprovada e assim o fizeram. Durante muitas e muitas semanas cavaram não apenas um, mas muitos buracos profundíssimos ao longo do país, porque ninguém sabia com certeza onde estava a cabeça do gigante e, menos ainda, seu nariz. Quando os buracos chegaram a ser tão profundos que pareciam ter chegado ao centro da terra, derramaram neles toneladas de anestésicos com a intenção de deixar o gigante dormir profundamente.

-Já não tremerá mais! -gritaram todos. E prepararam-se para festejar, enfeitando as cidades com bandeiras e fitas.

Mas, não havia passado meio dia, quando a terra começou a tremer novamente e, desta vez, com muito mais força que antes.

-Os buracos feitos não acertaram no nariz do gigante - diziam os médicos.

-As escavações foram pouco profundas -afirmavam os geólogos.

-Bobagem! -acrescentavam os velhos-. O que acontece é que a anestesia acorda os gigantes em vez de adormecê-los.

Embora ninguém tivesse razão, o fato é que o gigante se movia ainda mais que antes. Agora não só rachavam-se os muros, mas também desbordavam os rios e os mares, produzindo enormes inundações. E o susto das pessoas era quase incontrolável.

Um grande músico propôs:

-Que um coro, com o maior número de vozes possível, um coro imenso, cantasse canções de ninar na cratera de um vulcão extinto. A música desceria pelo abismo até as profundezas da terra e, chegando ao ouvido do gigante, faria com que ele dormisse tranqüilo.

Assim foi como mil, duas mil, cinco mil vozes se uniram em uma imensa cratera, para cantar as canções de ninar mais doces e maravilhosas do mundo. O vulcão parecia ter despertado e vibrava com a potência de milhares destas gargantas, que pareciam vozes de anjos.

O gigante foi acalmando-se, lentamente e, depois de umas horas de canto, deixou de mover-se.

-Conseguimos! Conseguimos! -gritavam todos, loucos de felicidade.

Festejaram nas praças e dançaram nas ruas. E assim, pela primeira vez na história do país, um dia e uma noite passaram sem que a terra se movesse. Os cantores desceram do vulcão e uniram-se à alegria dos demais; suas vozes haviam conseguido o milagre; foram aclamados e carregados em delírio.

Mas, no dia seguinte, cedinho, um violento tremor sacudiu a terra inteira.

-O gigante voltou a ter seus pesadelos... É preciso continuar cantando!
-gritou o músico que teve a idéia.

E os cinco mil homens e mulheres voltaram a subir felizes ao vulcão extinto para continuarem cantando suas canções de ninar. E o gigante, como no dia anterior, tranqüilizou-se.

Passaram assim dias e noites. Cada vez que os cantores, exaustos, paravam de cantar, o gigante começava, muito lentamente primeiro e, mais forte depois, a mover-se debaixo da terra num sono inquieto. A música não podia parar! Mas, com o passar do tempo, as vozes foram ficando roucas e as canções que tinham sido doces e celestiais transformaram-se em roucas e desafinadas cantilenas que mais pareciam de guerra que de ninar. Por fim, calado o coro, por cansaço, o gigante moveu-se tanto debaixo da terra que houve um grande terremoto. Centenas de casas derrubaram-se, a terra rachou e muitas pontes caíram. Em três minutos de saltos e bamboleios, o país inteiro ficou semidestruído e o povo, tão aterrado, que muitas famílias decidiram emigrar nesse mesmo dia para países de gigantes mais tranquilos.

-Desta vez ele acordará! Não ficaremos aqui para morrer esmagados!
-gritaram.

Muitos eram os que não queriam abandonar suas terras, mas apenas tinham forças para continuar vivendo assustados noite e dia.

-Para que -diziam- reconstruir nossas casas, consertar os caminhos ou levantar pontes, se amanhã estará tudo novamente no chão?

Desesperado, o rei do país reuniu seu conselho de ministros e lhes disse:

-Ofereço a mão de minha filha e, também, meu trono a quem for capaz de acalmar o gigante. Proclamem isso!

A filha do rei era belíssima. Não houve jovem na idade de casar-se que não se apresentasse diante do monarca e de seu conselho com alguma idéia.

-Proponho perfurar a terra e fazer chegar até ao gigante grandes cargas de explosivos, tão grandes como para matá-lo, disse um moço louro, vestido de amarelo.

O rei e seus conselheiros discutiam e pensavam.

-Sua proposta foi recusada! É muito perigosa! Imagine se ele não morrer e ficar apenas ferido! De nosso país não ficará mais que uma enorme cratera, disse o ministro do interior.

-E, se por acaso o matássemos, seu corpo apodreceria e o país ficaria com cheiro de carne podre para sempre. Imagina o que seria isso?, acrescentou o ministro da saúde.

O jovem louro retirou-se cabisbaixo e aproximou-se outro, um albino, vestido de vermelho.

-Eu proponho que, de hoje em diante, todos falemos em voz baixa, usemos tênis acolchoados em vez de sapatos e caminhemos na ponta dos pés para não fazer barulho. Que aquele que gritar seja castigado e enviado para o calabouço. Que o barulho da cidade desapareça. Sim, senhores! O barulho que fazemos é o que perturba o sono do gigante!, disse, nervoso.

Os ministros responderam:

-Sua idéia é incompleta porque, embora silencieemos o barulho dos homens, como poderemos silenciar os trovões do céu, o grito dos animais ou o estrondo das cataratas?

O jovem albino saiu, furioso, e chegou outro, muito moreno, vestido de preto.

-Minha idéia é: acendam umas enormes fogueiras ao longo do país e que fiquem acesas dia e noite, esquentando a terra, porque tenho a certeza de que o gigante está com muito frio.

Ao jovem moreno respondeu o ministro da agricultura.

-Imagine o que seria do país com suas fogueiras! Teríamos que cortar até a última das árvores para mantê-las acesas... e quem poderia viver, depois, em um deserto?

E assim foram chegando e partindo jovens e mais jovens, cada um com uma idéia mais absurda que a outra, todas impraticáveis.

O rei, agora sentado em uma cadeira, porque seu trono tinha sido derrubado no último terremoto, não sabia o que fazer. Um dia pensava em reconstruir o país somente com leves casas de madeira -que não caíssem- e construir depois um palácio todo de palha. Mas os ministros lhe diziam que isso era muito perigoso, que os incêndios seriam piores que os tremores de terra. Outro dia pensava em construir barcos, milhares de barcos, para que os habitantes passassem a viver em alto mar. Os ministros voltavam a fazê-lo raciocinar.

-E os que enjoam? E o leite para as crianças, de onde tiraríamos? E como cultivaríamos trigo para fazer pão? Desculpe, senhor, mas suas idéias são piores que as dos jovens ingênuos que vieram!

Nesse momento a situação do país não podia estar pior. Eram tantos e tão repetidos os tremores e terremotos, que aos desmoronamentos se uniam a fome, o frio, as doenças e o isolamento.

A situação era tão grave, que o rei teve que tomar uma dolorosa determinação.

-Ordemem a todos meus súditos que abandonem suas terras e emigrem para os países vizinhos, disse, sussurrando, a seus ministros, com os olhos cheios de lágrimas.

Todos teriam que ir para países estrangeiros. Lá, desde o rei até ao último pastor de cabras deveriam viver como mendigos, obedecendo ordens de outro rei pelo resto de suas vidas.

Nesse momento Sebastião chegou ao palácio destruído. Era um jovem pálido, de cabelos castanhos e olhos cor de trigo, que tinha vindo a pé de um extremo do reino. Não fazia uma semana que ele tinha tido uma idéia para terminar com os terremotos e por isso não tinha se apresentado antes.

-Majestade, disse-lhe, quase sem fôlego, ajoelhando-se no chão cheio de escombras; o que temos que saber é por que o gigante tem pesadelos. Somente se descobrimos a causa de seus pesadelos, poderemos remediá-los. Eu me ofereço para descer e verificar! Chegarei até ele e trarei a resposta.

-Não, gritaram os ministros em coro. Você poderia acordá-lo. E esse seria o fim de todos nós.

-Majestade, insistiu Sebastião, sei que é um risco, mas temos que corrê-lo. É a última possibilidade que temos! Confie em mim!

-Não, Não! Não!, diziam os ministros. Não dê importância ao que está dizendo! É mais seguro abandonar tudo! Pelo menos, ainda estamos com vida!

Mas o rei, que queria de qualquer jeito salvar seu reino, aprovou o oferecimento do jovem.

-Mas, digo-lhe, se você acordar o gigante, será o culpado pelo desaparecimento do meu reino! E será castigado por isso! Sim, eu mesmo o matarei, se puder sobreviver.

Durante estas audiências, a filha do rei, Maria Branca, escondia-se atrás das cortinas e espiava esses jovens que propunham como terminar os terremotos para poderem assim casar-se com ela. Até o momento não tinha gostado de nenhum, para não dizer que todos lhe pareciam horríveis, sem exceção. Como os ministros foram recusando uma a uma as propostas, ela tinha sentido um grande alívio. Maria Branca era jovem e, por isso, se interessava mais pela sua felicidade que a do reino. Mas, quando viu Sebastião seu coração começou a bater; foi um amor a primeira vista. Então, começou a tremer pensando nos perigos que o jovem ia correr ao descer ao fundo da terra e no terrível castigo que seu pai lhe impunha, caso fracassasse.

-É o único de quem gostei e que põe em perigo sua vida, dizia para si mesma. E se o gigante acordar e o devorar? Ficaria sem reino e sem um maravilhoso pretendente!

Quando Sebastião, feliz e cheio de esperanças, abandonou o palácio em ruínas, Maria Branca o seguiu até alcançá-lo em uma clareira do bosque.

-Oi, jovem..., disse-lhe. Eu sou Maria Branca, a princesa.

Sebastião, que nunca a tinha visto, perdeu a voz, deslumbrado com a sua beleza. Todos os elogios que havia escutado sobre ela eram insignificantes diante de sua beleza.

-Venho pedir-lhe que seja prudente e que tenha cuidado com o gigante... eu gostaria tanto de casar-me com você!, disse-lhe Maria Branca, com sinceridade e franqueza.

Sebastião, saindo de seu deslumbramento e de seu assombro, com um gesto impulsivo, tomou-a nos braços e a beijou, dizendo-lhe:

-Princesa, casarei com você mesmo que tenha que encontrar dez gigantes e subir no nariz de cada um deles. Amo você com todo meu coração!

Foi tanta a emoção de Maria Branca ao ouvir as palavras do jovem e ao receber o primeiro beijo de amor de sua vida, que nesse mesmo instante tomou uma decisão.

Irei com você, Sebastião. Sem você a vida não vale nada.

-Maria Branca... você ficou louca? Você deve esperar-me aqui. Com você não me atreveria a enfrentar o gigante, com medo a perdê-la.

Mas, quando Maria Branca decidia qualquer coisa, não havia quem a fizesse mudar de idéia.

-Ainda não nos casamos; portanto, eu sou a princesa deste reino e você apenas um súdito. Irei com você! É uma ordem!

Assim foi como, de mãos dadas, partiram em direção à grande cratera do vulcão extinto para descerem por ele até as profundezas da terra, onde dormia o gigante. Em uma grande mochila, Sebastião levava dezenas de pilhas de lanterna, alimento e água. E, na cintura, uma longa corda.

Caminharam durante várias horas, até chegarem ao cume do vulcão. Na entrada da imensa boca, Sebastião disse para Maria Branca:

-Você terá que deixar suas jóias escondidas aqui. Notei pelo caminho que fazem muito barulho. Não podemos nos arriscar a acordar o gigante com o barulhinho de suas pulseiras e colares. Também teremos que tirar os sapatos e descer descalços. E daqui para frente, falaremos sussurando...

A princesa, obediente, foi tirando uma por uma as jóias que tinha e foi deixando-as no chão, debaixo de uma pedra do vulcão apagado. Mas, quando ia tirar o último colar -uma fina corrente de ouro com um caracol branco na cara- ela voltou-se para Sebastião e disse-lhe:

-Este, eu levarei, não faz barulho! Minha mãe mandou fazê-lo com um caracol marinho, que eu mesma encontrei quando criança. Nunca me separei dele...

-Está bem, disse-lhe Sebastião, que não queria entristecê-la. Agora tire os sapatos e vamos! Terá que ser valente e silenciosa...

Desceram lentamente pela cratera, tendo o cuidado de não deixarem cair as pedras. À medida que desciam, a imensa abertura foi se fechando até transformar-se em um túnel escuro e estreito, e eles, obrigados a descerem agachados e,

muitas vezes, engatinhando. Amarrados, com a corda, porque Sebastião temia que a princesa escorregasse e caísse. A lanterna apenas iluminava uns poucos metros.

-Aii, gritou de repente Maria Branca. Acho que toquei num morcego!

-Shshshsh... sussurrou Sebastião, tapando-lhe a boca com sua mão. Terá que agüentar o medo e não gritar mais... Se pensa que não é capaz de fazê-lo, é melhor voltar agora mesmo: não se esqueça de que caso o gigante acorde, não apenas morreremos, mas também o reino inteiro...

A princesa soluçava baixinho. O medo e o nojo que tinha de morcegos tornara quase insuportável pensar que seus cabelos roçavam os bichos. Mas, dando um grande suspiro e apertando os dentes, disse a si mesma que tinha que ser forte, se não queria perder Sebastião, e continuou calada.

Desceram, desceram durante horas e horas. Sebastião ia trocando as pilhas da lanterna à medida que estas se esgotavam. Quando estavam muito cansados se detinham para compartilhar o lanche que o moço trazia consigo; mas, como agora eram dois, tornava-se escasso. Também a água para beber estava acabando. E os pés descalços de ambos estavam machucados.

Num dado momento perderam a noção do tempo: já não sabiam se era dia ou noite, nem se haviam transcorrido apenas horas ou dias inteiros nessa escuridão interminável. Mas, mesmo mortos de sede e cansaço, continuavam descendo sem reclamar. O túnel em que desciam estremecia a cada momento por causa dos tremores que agitavam o sono do gigante. Na verdade, estes pareciam ser cada vez mais violentos, à medida que desciam. "Talvez -pensavam- falte pouco para chegarmos a ele".

Há muito tempo que o cantil estava seco, quando, de repente, Maria Branca exclamou a meia voz:

-Eu meti um pé na água!

-Na água? Você tem certeza? Deixe-me verificar, respondeu-lhe o moço, aproximando-se dela e agachando-se para iluminar com a lanterna. Sim, é água! Que maravilha! Pelo menos não morreremos de sede!

E os dois, com as mãos juntas, beberam grandes goles.

Sebastião encheu seu cantil e os dois continuaram descendo pelo túnel estreito e de paredes que pareciam amassadas, e onde o silêncio reinava. Seu único consolo era estarem de mãos dadas.

O tremores pareciam aumentar de intensidade. Eram uns tremores fortes e curtos, com barulho de pedras que se desprendiam e rodavam, batendo umas nas outras. Uma enorme pedra caiu a poucos centímetros de Maria Branca.

Isto foi demasiado para a princesa. Estava tão aterrorizada, cansada, faminta, que se sentou na saliência de uma pedra e começou a chorar.

-Desculpe-me, Sebastião..., continue você sozinho. Eu não passo mais. Esperarei por você aqui.

-Está doida, Maria Branca? Já é muito tarde para arrepender-se. Jamais voltaria a encontrá-la nestes labirintos e com esta escuridão. Você tem que continuar comigo, queira ou não queira. Anime-se! Acho que não estamos muito longe do gigante. É por isso que há tremores tão fortes e tão frequentes.

A princesa se levantou entre soluços abafados e bebeu um gole de água que Sebastião lhe ofereceu. Este mudou as pilhas da lanterna pela enésima vez e, tomando a jovem pela mão, armou-se de coragem e continuou descendo.

Iam escorregando e levantando-se por causa dos fortes tremores da rocha, quando, de repente, o túnel abriu-se em uma esplanada enorme. Caminharam por ela alguns passos. O solo em que pisavam era tão liso que parecia luminoso. A luz da lanterna chegava muito mais longe e produzia um brilho luminoso na esplanada.

-Tenha cuidado, Maria Branca, que esta pedra é escorregadiça! É como se tivesse acabado de ser encerada..., disse Sebastião.

Continuaram andando com cuidado, apoiados um ao outro, sem se cansarem. Depois de mais ou menos uma hora de caminhada, chegaram a um lugar onde a esplanada parecia terminar, dando lugar a outra, mais dura e enrugada, cheia de estranhos troncos grossos como árvores, mas sem folhas. Os tremores conti-

nuavam tão violentos como antes, mas agora não havia nenhuma rocha que se desprendesse ameaçando sepultá-los.

-Sebastião!, balbuciou Maria Branca, sabe o que estou pensando?

-Desde que não seja voltar...

-Não, não é isso... Escute-me: acho que já estamos há horas caminhando sobre o gigante.

-Como! Sobre o gigante?, sobressaltou-se Sebastião.

-Sim, respondeu ela. Agora é você quem deve acalmar-se! Esta esplanada nacarada que há pouco atravessamos era uma de suas unhas, e agora estamos caminhando sobre seu dedo; olhe e toque...Este chão é sua pele, como a de um elefante... E note que não está frio como uma rocha, senão morno.

-Então, estes troncos enormes... são cabelos!, exclamou Sebastião. Tomara que este dedo por onde caminhamos seja da mão e não do pé, porque se for do pé demoraremos meses até encontrarmos a cabeça.

O descobrimento de estar caminhando sobre o gigante os deixou muito nervosos. Mas, ao pensarem que para o gigante eles eram menos que uma pulga para um homem, foram tranquilizando-se. Se não o incomodassem... ele, dormindo como estava, jamais perceberia a presença deles.

Continuaram avançando ao longo do dedo, falange por falange, dirigindo-se para o dorso da mão ou para o peito do pé (porque ainda não sabiam por onde caminhavam). Os nós eram verdadeiras colinas que deviam escalar e muitas vezes um tremor dessa superfície enrugada e morna os fazia rolar para longe, jogando-os contra os pêlos, grossos como árvores, que por sorte para eles eram muito flexíveis. Depois de muito tempo chegaram até ao dorso da mão (ou ao peito do pé), uma grande extensão, que demoraram horas e horas para atravessar. O gigante, ao parecer, era muito velho, pois sua pele estava cheia de rugas tão profundas, que pareciam gretas causadas por um terremoto.

Olhe aí, Sebastião, essa colina azul que aumenta e diminui, balbuciou, muito assustada, Maria Branca.

-É uma veia, não se assuste! Trataremos de rodeá-la, pois aí a pele pode ser mais sensível que em outras partes, respondeu-lhe Sebastião, abraçando-a. E disse: venha por aqui, acho que já estamos chegando ao antebraço ou, talvez, à perna.

Por não saberem por onde andavam, estavam muito preocupados. Esse corpo grande como um país alongado na escuridão da terra era imenso como para que eles pudessem reconhecer o contorno dos membros. Tanto as pilhas da lanterna como a água já estavam terminando, e há tempos haviam comido os últimos biscoitos. Se apenas estivessem na perna e não no braço, jamais chegariam à cabeça, onde Sebastião supunha que descobriria a causa dos pesadelos do gigante. Apesar disto, o jovem e a princesa andavam e andavam, sem perder a esperança.

O músculo pelo qual iam andando agora era enorme e empinado. Tinham que subir por ele ajudando-se com a corda, amarrando-a nos pêlos e erguendo-se com a força dos braços. Quando chegaram ao ponto mais alto, muito cansados, deitaram-se e Sebastião apagou a lanterna para economizar pilha. Mas, depois de terem descansado um instante, levantaram-se e, ao acenderem a lanterna, perceberam que a pele do gigante adquiria uma cor diferente da que já conheciam. Sebastião abaixou sua lanterna para ver mais de perto essa enorme mancha azulada e caminhou por ela algum tempo.

De repente, exclamou e chamou Maria Branca.

-Venha, venha, olhe isto!, mostrando-lhe aqui e ali uns pontos mais escuros na pele azulada. Essas são as marcas que deixaram aqui as agulhas!

A princesa pensou que de repente Sebastião tinha enlouquecido.

-Era o que faltava!, pensou, angustiada, consigo.

Mas Sebastião, então, abraçou-a com entusiasmo e disse-lhe, feliz, cochichando-lhe:

-Maria Branca, estamos salvos! Este é o braço e não a perna! Esta enorme mancha azul por onde agora estamos caminhando é nada mais e nada menos que...uma tatuagem!

-Como? Uma tatuagem?, perguntou a princesa, admirada. O gigante está tatuado?

-Sim, disse o jovem, e, como, normalmente, ninguém faz tatuagem nas pernas, este é, com toda certeza, um braço.

-E o que significará isto?, perguntou Maria Branca.

-Vamos saber... se pudermos. É tão grande! Mas se conseguirmos, saberemos coisas importantíssimas sobre a vida do gigante. Tivemos sorte!

Começaram, então, a percorrer o caminho pela mancha azulada, palmo a palmo. Mas esta era tão longa e tão larga, que não podiam saber o que representava. Sebastião quebrava a cabeça tentando guardar ou desenhar na sua cabeça. Como era difícil! Mas de repente, quando já tinham dado duas voltas pela figura azul, o moço exclamou:

-Eureka! Já descobri! É uma âncora! Uma âncora tatuada no braço!

Era isso mesmo. Era uma âncora azul que o gigante do país, antes de dormir por um milhão de anos, mandou, certa vez, fazer no braço. E Sebastião, que, embora não tivesse dito nada para não preocupar Maria Branca, gritou, esquecendo toda prudência.

-Viva! Viva! Já sei, Maria Branca! Nosso gigante foi um marinheiro! Navegou pelos oceanos em barcos maiores que o Himalaia! E agora sonha e sonha, como todos os marinheiros, com saudade do mar. Por isso tem pesadelos... é isso!

-Sebastião, meu amor, você é um gênio!, gritou a princesa, abraçando-o.

Mas nisso o gigante, talvez incomodado com o ruído de suas vozes, moveu bruscamente seu braço e depois roncou tão forte que a caverna retumbou como se o mundo inteiro estivesse estourando. Sebastião e Maria Branca voaram pelo ar centenas e milhares de metros para cáírem, como dois bonecos, em uma imensa floresta de árvores copadas e altas. Estavam no bigode do gigante! Ficaram ali jogados, mortos de medo de que o gigante os tivesse sentido cair.

-Se roncar de novo ou espirrar, morreremos, sussurravam, tremendo e abraçando-se um ao outro.

Do outro lado da floresta em que estavam, de duas imensas cavernas negras, grandes como montanhas, um furacão soprava em sua direção quase arrancando-os de onde se agarravam, e sugava-os tão fortemente que parecia estar a ponto de engoli-los como se fosse um gigantesco aspirador. Era o nariz do gigante!

Este, depois de um forte ronco, tinha se acalmado. E Maria Branca e Sebastião, agarrados a um pêlo do bigode do gigante, maior que uma floresta, começaram a pensar o que fariam agora para salvarem o reino e a si mesmos.

-Sabemos que é marinho e que a saudade do mar é tão grande que não pode dormir sem balançar-se, disse Sebastião. Que vamos fazer? O que fazer para consolá-lo?

A princesa suspirou preocupada e levou a mão ao pescoço, mecanicamente, como sempre fazia quando pensava em coisas muito importantes. Seus dedos tocaram a correntinha do único colar com que tinha ficado ao iniciar a descida ao abismo e, deslizando a mão, aproximou-a do caracol nacarado que estava pendurado. Distraída, brincou um pouco com ele. E então, com um súbito brilho de alegria nos olhos, exclamou:

-Sebastião! Sebastião! Ao descer pela cratera do vulcão você me pediu que deixasse todas minhas jóias... você se lembra?

-Sim, respondeu Sebastião, curioso.

-E lembra que somente fiquei com este caracol e sua corrente de ouro?

-Sim! Sim!, respondeu o moço, já impaciente.

-E se o colocássemos agora no ouvido do gigante? Você sabe que se ouve nas conchas o murmúrio das ondas do mar.

-Maria Branca! Minha princesa!, exclamou o jovem, alegremente. O que eu faria sem você? E pensar que tantas vezes me arrependi de tê-la trazido! Vamos,

vamos até a orelha do gigante! Se ele escutar seu caracol, já não terá mais saúde do mar e dormirá tranqüilo!

E com a força que esse descobrimento lhes havia dado, caminhando com dificuldade por entre os pêlos do bigode, da barba e da costeleta, chegaram horas depois, cansados, mas animados, ao lóbulo da orelha. Ai, e bem devagarzinho, pé ante pé para não causarem cócegas no gigante adormecido, começaram a descer pelo pavilhão escuro e enorme desse ouvido, maior que o Canhão do Colorado, e desceram, desceram pelos desfiladeiros circulares que os enjoavam, caindo a cada momento com os tremores e súbitas sacudidas do velho e saudoso marinheiro.

No coração dos jovens, o desejo de voltarem ao reino aumentava. Como estaria o país e quantos milhares de habitantes teriam morrido com esses terremotos que eles dois, internando-se no ouvido do gigante, continuavam provocando? Mas nada podiam fazer senão continuar.

Finalmente chegaram ao fundo, onde uma enorme parede, fina e transparente, fechava o ouvido: tratava-se do tímpano. E antes que o gigante, que se agitava enlouquecido de cócegas na orelha, despertasse completamente e acabasse com eles e com o país inteiro, Maria Branca soltou o fecho de seu colar e, tomando o pequeno caracol branco em suas mãos, colocou-o boca para cima contra a imensa membrana do tímpano.

Aconteceu um milagre. Em um abrir e fechar de olhos, as sacudidas do gigante pararam. E pela primeira vez, em meses, seu corpo ficou imóvel e em paz.

-Já está novamente ouvindo o ruído do mar!, sussurrou a princesa, com lágrimas de emoção nos olhos enquanto, tremendo, abraçava Sebastião.

-Curado de sua saudade, dormirá tranqüilo e feliz os milhares de anos que ainda lhe restam de noite, falou Sebastião, com um fio de voz.

E assim foi como, desde esse dia, a paz voltou ao reino. Não é necessário dizer que Sebastião e Maria Branca, ao regressarem das profundezas da terra, magros, machucados, mas felizes, casaram-se. Fizeram uma festa que durou muitos dias e todos os habitantes do reino foram convidados.

A partir daí, somente as crianças malvadas ouvem falar de tremores de terra e terremotos como ameaça das avós:

-Se continuarem brigando, despertarão o gigante adormecido!

Mas isso nunca aconteceu.

Jac queline Balcells

COLÔMBIA

OHOMEM-JACARÉ

APRESENTAÇÃO

O homem-jacaré é uma lenda da costa norte da Colômbia, em que Sandro Romero Rey se inspirou para escrever esta versão.

A popularíssima canção colombiana *Se va el caimán*, de Crescencio Solcedo, também tem sua origem nessa lenda.

GLOSSÁRIO

Merengue: nome de um ritmo popular, conhecido também em alguns países do Caribe.

Este é o jacaré, este é o jacaré
de que fala toda a gente.
Este é o jacaré, este é o jacaré,
Jacaré inteligente.

Sim, meu amigo, esta estória começou aqui mesmo. E aquele que é hoje o homem-jacaré sentava-se exatamente aí, onde agora o senhor está sentado, disposto a tomar seu copo de rum, a comer seu queijo e, por último, seu prato de arroz com coco. Ele vivia olhando para a margem oposta do rio, e quando adivinhava a presença de alguém do outro lado, engolia seu arroz e desaparecia na água. Por que ele fazia isso? Não se desespere, meu amigo. Acabe de tomar seu rum e escute, que a estória está apenas começando. É uma estória de amor como qualquer outra, mas com uma diferença: o homem saiu-se dela melhor do que ninguém, apesar de todas as dificuldades. Assim, se você vai pedir outro rum, faça-o já, pois vou contar minha estória sem interrupções.

Havia um homem, alegre e despreocupado, que viajava com frequência de Pinheiros a Mangangê, vendendo todo tipo de alimentos e deliciosas frutas. Aos gritos, e em meio das brincadeiras entre ele e as pessoas daqui, o homem divertia todo mundo com suas histórias absurdas a respeito de como adquiria os produtos, a ponto de convencer os compradores de que as coisas que levava eram maravilhosas.

Uma tarde, enquanto anunciava aos gritos a venda de umas laranjas que, segundo ele, possuíam as essências mágicas do amor eterno, observou uma bela morena com os cabelos molhados, caminhando despreocupadamente. O homem puxou conversa com a moça, e num instante os dois sentiram-se profundamente atraídos um pelo outro. Ela se chamava Roquelina e era filha de um severo e intratável comerciante de arroz. Seus irmãos, que desempenhavam em segredo o papel de vigias dos passos da jovem, ao perceberem que Roquelina ficava cada vez mais atraída pelas belas frases do homem, alertaram imediatamente o pai.

Assim, pois, meu amigo, quando o homem apareceu, como de costume, com seus alaridos e seus produtos do outro mundo, e correu, feliz, para homenagear com canções sua querida Roquelina, encontrou-se diante do intratável pai de sua amada.

-Aqui quem vende sou eu- disse-lhe, taxativo, o pai.

-E minha filha não é arroz. Portanto, faça o favor de ir embora com a sua música, antes que tenhamos problemas. Ou eu não sei, não! E sem nenhuma palavra mais, pegou Roquelina pelo braço e arrastou-a consigo.

Foi a partir desse momento que o homem começou a vir todos os dias a este boteco, e pedir o mesmo rum, o mesmo queijo e o mesmo arroz com coco, e a olhar para o outro lado do rio. Por que? Logo comecei a entender. Por aqui, os homens tomam banho nesta margem do rio. No meio da corrente há um remoinho, e do outro lado tomam banho as mulheres. Aqui, as pessoas também fazem suas necessidades na água, sendo cobrado um centavo por tudo.

O que acontecia? Pois não é que o homem combinara com Roquelina que, quando ela fosse tomar banho, ele atravessaria o rio a nado para visitá-la? Todos perguntavam como o homem faria para atravessar o remoinho, já que se percebia como isso era perigoso para os seres humanos. Aqui está o segredo da história. O homem acabava de comer o arroz, atirava-se na água e, pouco a pouco, seu corpo franzia-se, seus braços encolhiam-se em pequeninas patas, suas pernas

uniam-se numa agitada cauda e cada um dos grãosinhos de arroz que havia comido transformava-se numa fileira de dentes afiadíssimos, até que ele virava um habiíssimo jacaré nadador.

Assim, o homem-jacaré atravessava com agilidade o remoinho e, depois de violenta agitação, conseguia chegar aonde estava Roquelina, que o esperava ansiosa para, juntos, descobrirem as secretas profundezas do rio.

O homem ia diariamente, bebia e comia sua eterna ração e lançava-se em sua viagem de réptil até sua amada Roquelina. Essas constantes visitas acabaram alertando todos os pescadores da região.

Certa manhã, um dos irmãos de Roquelina conseguiu avistar a cauda desenfiada do homem-jacaré rompendo o remoinho e, de imediato, deu voz de alarme.

Os pescadores de Maganguê saíram à caça do bicho, mas todos os esforços foram inúteis. Quanto mais os homens se esforçavam para acabar com o animal, mais ágil ele ficava para chegar até à margem em que se encontrava Roquelina.

— Tome outro rum, meu amigo, pois a estória está chegando ao fim e é preciso preparar-se para o que vem aí.

O pai de Roquelina, homem exibido, prepotente e orgulhoso, localizou o lugar exato por onde o jacaré costumava nadar e organizou um cerco para agarrá-lo.

Um dia, bem cedinho, um numeroso grupo de pescadores navegou com muito sacrifício até essas paragens, procurando insistentemente pelo jacaré, sob o comando do pai de Roquelina. Enquanto isso, o homem de nossa estória, sentado aí terminou seu rum, seu queijo e seu arroz e foi embora. Para onde ir? Todos estavam à sua procura? Logo fiquei sabendo. O espertinho atirou-se na água, nadou depressa até o barco do pai de Roquelina e, de uma só vez, devorou todo o arroz que encontrou. Em seguida foi buscar sua amada, que dormia no cais. Suavemente, acomodou-a sobre suas costas e, sem acordá-la, afastou-se em silêncio. Nunca mais se soube deles. Mas desde esse dia, todos os homens daqui escondem bem cedo suas mulheres e comem depressa todo o arroz que há na panela, antes que o homem-jacaré chegue e suma com mulher e grãos.

Isto é o que conheço da estória, meu amigo. O bom mesmo é que, desde então, por estas bandas canta-se um merengue assim:

*Na hora do sol nascente,
quando no rio fui nadar,
vi um jacaré singular,
que tinha cara de gente.*

Agora, já se sabe por quê. A única coisa que não posso lhe oferecer, meu amigo,
é um prato de arroz com coco, pois, não sei por quê, anda em falta por aqui.
Mas... não quer que lhe conte outra estória?

Sandra Romero Rey
CERLALC

Publicado em: Contos de Animais Fantásticos da
Co-edição Latino-Americana de Livros para Crianças e Jovens

CUBA

MANUELITA

Em uma enorme casa da Rua da Lamparina, próxima à igreja do Santo Cristo, vive uma família muito numerosa.

São cubanos ilustres no campo da ciência e da educação. Contam entre seus membros professores, médicos, advogados. São propulsores da escola pública, fundadores da Real Sociedade Econômica de Amigos do País. Seus antepassados foram urbanizadores de Havana. Sua genealogia crioula se perde na noite dos tempos dos primeiros colonizadores. Não acreditam em outros pergaminhos que não sejam os que dão o estudo e o trabalho. Não são integristas. Ainda não são rebeldes, mas sua atitude diante do poder da Espanha está longe de ser conformista. Por enquanto se limitam à filosofia, às letras e à ciência.

Vivem uma vida patriarcal, dirigida por um pai, a quem os filhos chamam de "Vossa Mercê", e uma mãe um pouco dura e inflexível no que ela considera a moral.

São muitos homens, já formados em universidades espanholas, alguns casados e com filhos; várias filhas muito atrativas e que se preparam para continuar com a tradição da família: casar-se cedo e ter muitos filhos.

Na enorme casa reside um verdadeiro clã e com numerosos escravos. Mas, na casa grande há paz, ali todos se respeitam e se amam, e a felicidade reina. O pai é médico e sempre foi visto usando fraque e cartola. Possui grande fama por sua sabedoria e honradez e tem uma numerosa clientela que lhe dá presentes fantásticos, como se usava nessa época: cavalos de raça, arreios de prata maciça, carruagem, cocheiro ... que chegam à casa no dia de seu onomástico, que é dia 30 de agosto.

Um irmão do pai Ramón Vossa Mercê é magistrado; outro foi reitor e cancelário do Real Seminário de São Carlos e se ocupa intensamente de impulsionar a educação do povo, lutando para que sejam criadas escolas públicas. Tudo o que hoje é o bairro de Jesus Maria era a fazenda da família e foi doada por eles para urbanizar a cidade.

A família mantém a tradição de estudo e de trabalho, apenas para os homens, porque pai Ramón Vossa Mercê defende o aforismo "mulher que aprende latim, não pode ter bom fim". De qualquer maneira, vivem um clima de interesse pelo progresso científico.

Os costumes introduzidos pela mãe são rígidos. As refeições são servidas nas horas certas e aquele que não estiver na hora fica sem comer. Tem que estar em casa antes das dez horas da noite, nos dias de semana e, aos filhos solteiros e já homens, permite-se transnoitar aos sábados, mas com a condição de não se deitarem sem ouvir a missa da alva.

A cerimônia dos sábados é muito curiosa. Chega o jovem farrista a casa, onde a mãe o espera acordada. Cumprimentam-se, tomam chocolate, conversando esperam a hora da missa e só depois de purificado, abençoado, o pecador pode deitar-se.

Uma madrugada, Gaspar Chaple, de vinte e seis anos, que está preparando seus exames de Direito, chega um pouco mais tarde que de costume à casa na Rua da Lamparina. Dona Leocádia o recebe com severidade e lhe adverte que está indo além do permitido.

O filho toma apressadamente o chocolate e corre para a igreja. Na porta da igreja se detém deslumbrado. Essa mulher que aparece, rodeada de uma auréola como de ouro batido e que se destaca na penumbra da madrugada como uma visão de conto de fadas, essa moça que levanta para ele uns olhos tão belos e tão tristes, não pode ser deste mundo.

Ele não pode acompanhar a missa nem tomar conhecimento de nada do que acontece no altar. Não pode tirar os olhos de sua visão, com medo de que desapareça.

Não se atreve a segui-la à saída da igreja. Existe em toda a figura da jovem, em suas boas maneiras, em seu ar de candura, algo que impõe respeito. Fica imóvel atrás de uma coluna e a vê descer pela rua, rumo ao mar, seguida de sua escrava.

O rapaz esperou ansioso, a semana toda, que chegasse o domingo. Voltou à missa. Voltou a contemplar extasiado a jovem. E volta a ficar parado olhando a partir, sem atrever-se a segui-la, nem de longe.

Um mês depois, sente com toda sua alma que está profundamente apaixonado. Precisa saber quem é, onde vive, a que família pertence e por que está tão triste. Ordena ao chinês Joaquim, que é da confiança de todos, que a siga e que passe o tempo que for necessário vigiando a sua casa, mas que puxe uma conversa com a escrava e lhe traga todas as informações que puder sobre a jovem.

Joaquim fica sabendo que ela é órfã e muito pobre, que ganha a vida fazendo sapatos de seda, que as filhas de seu tutor têm inveja dela por causa de sua beleza e a mantêm confinada no fundo da casa, e sua única saída é para ir à missa bem cedinho, aos domingos, e que está há treze anos reclusa no convento das Ursulinas.

Sempre, por intermédio do Joaquim, envia uma onça de ouro de presente para a Petra, para que entregue uma carta à Manuelita.

A jovem, que já o viu na igreja e compreendeu que aquele jovem alto e bonito está apaixonado por ela, quando recebe sua primeira carta de amor, não se atreve a lê-la. Esconde-a na última gaveta da cômoda. Passa o dia cuidando-a com medo de que a descubram. Está louca para ler a carta, mas prefere deixar para a noite, quando estiver certa de que ninguém está vendo.

De repente, lembra-se de que não tem luz e se desespera ao pensar que a carta de seu pretendente deve ser lida, perigosamente, em pleno dia. Fala com a Petra, que se cuidou muito bem de contar-lhe sobre o presente que aceitou do desconhecido.

—Petra, por favor, corra e traga-me alguns vaga-lumes. Pegue os maiores, coloque-os em uma pequena caixa e traga-os às escondidas.

É à luz dos vaga-lumes que, com dedos trêmulos, lê sua primeira carta de amor.

O jovem lhe confessa que a ama; que deseja conversar com ela, que sua única ambição é fazê-la feliz; que diga a Petra se, no próximo domingo, pode encontrar-se com ela.

Até no dia anterior, Manuelita não se decide a encontrar-se com o jovem no átrio da igreja.

Como lamentação ter mais que um vestido, sempre o mesmo vestido de algodão branco, tão surrado! Mas ela não sabe que foi precisamente isso que levou o rapaz a apaixonar-se por ela: sua simplicidade, sua pobreza e sua inocência.

Ele a espera à porta da igreja. As mãos dos dois tremem e ele oferece água benta e ela aceita. Não podem falar. O encontro de amor se limita a assistirem a missa juntos, um ao lado do outro.

Eles mantêm um namoro bonito e romântico. Dez minutos apenas todos os domingos, caminhando muito devagar dois ou três quarteirões ao amanhecer, seguidos pela escrava. Cartas lidas por ela à luz dos vaga-lumes que a Petra se encarrega de renovar. E uma alegria que os invade totalmente.

A uma missa da madrugada, Gaspar vem acompanhado de sua mãe. Constatou-lhe seus amores por Manuelita com tanto respeito, com tanta paixão, que Dona Leocádia decide ir conhecer a jovem.

-Se é como você diz, iremos às Ursulinas para que a Superiora nos conte tudo sobre essa jovem.

Desde o primeiro encontro, a mãe gostou de Manuelita. E nessa mesma semana a família do jovem conhece toda a história dos Suárez e Martínez.

A Superiora lhes disse:

-Se essa menina não tem nada é porque o tutor a deixou na miséria e tratada de maneira desumana. Decidem acusar o tutor.

Da fortuna herdada pela órfã não puderam salvar nada. Com toda a falta de honradez e astúcia, o antigo contador gastou todo o dinheiro sem deixar sinal.

O tutor da Manuelita, Dom Torquato, perde seus direitos, e o substitui um tutor excelente, com duas filhas doces e bonitas, Tullita e Manuela, e nesse lar sabe por fim o que é ter uma verdadeira família.

Mas Gaspar está apaixonadíssimo. Não quer esperar terminar seus estudos, e tanto e tão bem prova a seus pais seu amor, que nesse mesmo ano de 1857 se casam.

Gaspar é muito alto e Manuelita, baixinha. Ele é trigueiro, com bigode e cabelos negros e grandes olhos negros. É um contraste singular.

Depois de casados, foram morar, como todos os filhos, na Rua da Lamparina.

Vivem felizes e tranquilos; ele, dedicado a seus estudos e ela, a adorá-lo.

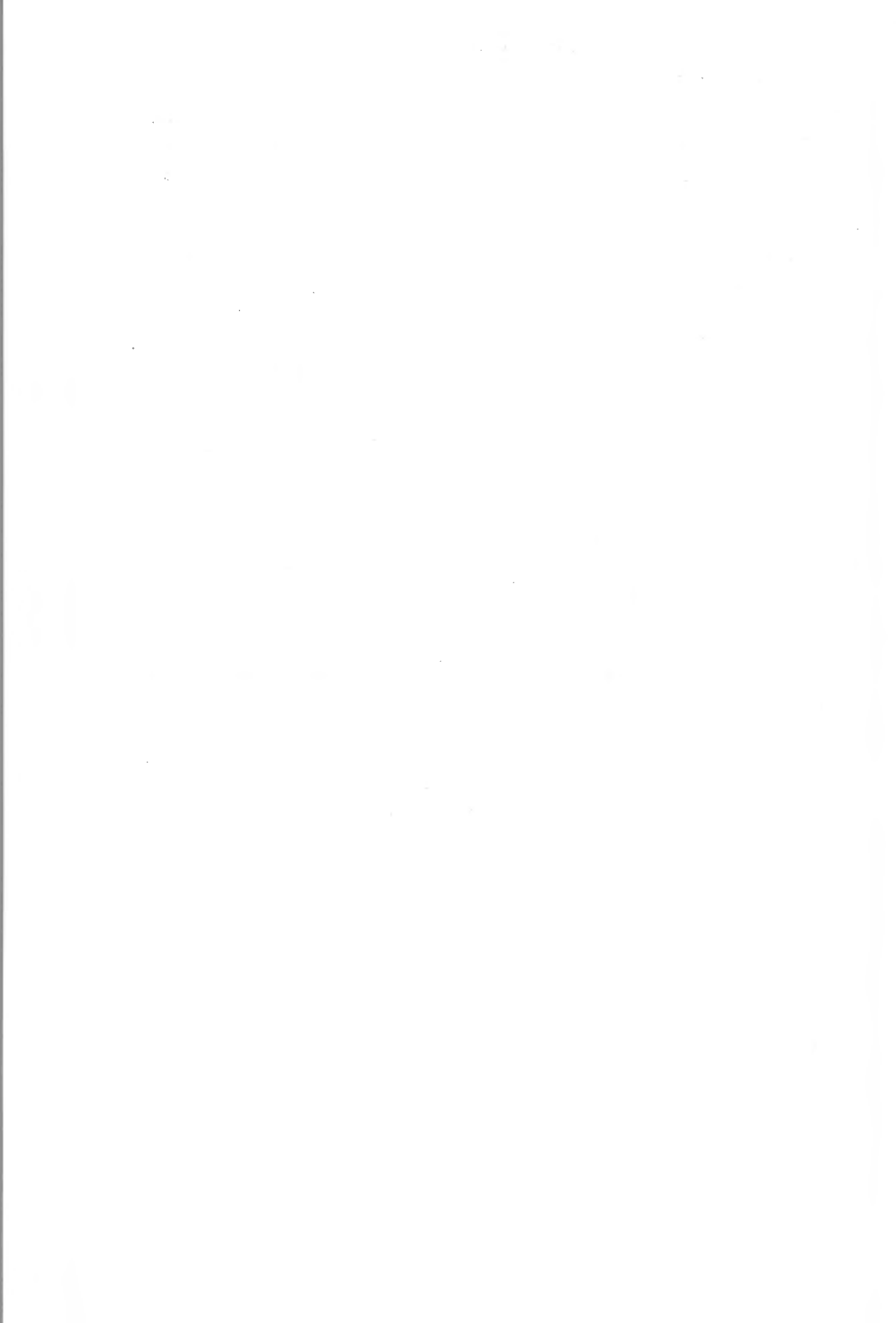
Gaspar quer retribuir a seus pais a confiança que depositaram em sua seriedade quando prometeu, em troca de casamento, terminar logo seus estudos.

À noite, o casal senta-se no imenso salão. Pai Ramón Vossa Mercê lê ou recebe seus amigos. Na maioria, médicos como ele; Dona Leocádia costura para algum de seus netos, junto ao abajur.

Nasala de jantar, Gaspar estuda, enquanto sua jovem mulher dorme no sofá. Quando ele termina de estudar, leva-a, adormecida, nos braços, até a sala para pedir a benção dos pais e licença para retirar-se.

Manuelita e Gaspar viveram muitos anos muito felizes e, como nos contos de fadas, têm muitos filhos: doze homens e cinco mulheres: Gaspar, Lourenço, Guilherme, Henrique, Eduardo, Otávio, Adolfo, Maria Amélia, Rita, Maria, Margarida, Rosa Maria... dos outros nomes não me lembro.

Renée Méndez Capote
Agência Literária Latino-Americana
Publicado em: *Duas Crianças em Cuba Colonial*.



EQUADOR

OS PAPAGAIOS

GLOSSÁRIO

Huacay-nhã: palavra quíchua, com adaptações ortográficas, que significa "caminho do pranto".

Canhâris: Nação indígena pré-incáica caracterizada por sua bravura.

Azuay: Província do sul do Equador. Sua capital é Cuenca, a terceira cidade do país.

De repente, começou a chover torrencialmente sobre aquela fértil região povoada por bravos guerreiros e mulheres prendadas, que cultivavam o milho, modelavam o barro e adoravam as árvores, os ursos e a lua.

Enquanto a água inundava os caminhos e as sementeiras, os habitantes amedrontados refugiavam-se em suas casas e elevavam preces aos deuses, para aplacar sua ira.

Apenas dois jovens irmãos, Ucumári e Cushiyuc, preferiram abandonar a aldeia e subir aos altos cumes da cordilheira. Depois de uma luta tenaz contra a fúria das águas e dos raios, conseguiram alcançar o topo de uma montanha chamada Huacay-nhã. O dilúvio arrasou tudo e só os dois irmãos conseguiram se salvar, pois à medida que o nível das águas subia, a montanha também se elevava, jamais chegando a ser coberta.

Depois de vários dias, ninguém sabe exatamente quantos, a tempestade cessou e um novo deus, o Sol, mostrou sua face radiante sobre o coração da terra inundada.

O nível das águas começou a baixar e os dois irmãos retomaram ao lugar onde haviam vivido com seu povo. Não encontraram pedra sobre pedra. Tudo era desolação. Pais, parentes, amigos e vizinhos, todos estavam mortos. E os animais, as plantações? Nada restava daquela próspera aldeia.

-Ucumári, meu caro irmão, estamos sozinhos no mundo! - exclamou Cushiyuc.

-Esse deve ter sido o desejo dos deuses - respondeu Ucumári. - Vamos agradecer-los por terem salvo as nossas vidas e construir uma cabana que nos abrigue dos rigores do tempo.

Usando alguns galhos das árvores que haviam sido arrancadas, construíram uma casinha rudimentar, um par de camas toscas e uma mesa. Ao terminarem o trabalho, estavam mortos de fome. Decidiram, então, procurar alimento, mas os esforços foram em vão, e tiveram de se contentar com umas poucas ervas que encontraram.

Regressaram tristes, exaustos e desconsolados. Mas, ao entrarem na cabana, ficaram maravilhados com o que viram.

-Por todos os deuses, Cushiyuc! Diga, por favor, que os meus sentidos não estão me enganando. Você está vendo o que eu vejo?

Cushiyuc nem respondeu. Uma grande variedade de deliciosos e fumegantes quitutes estava colocada sobre a rústica mesa, convidando-os com seu aroma a comê-los. Os dois irmãos atiraram-se sobre os alimentos e faltou-lhes boca para devorá-los mais depressa.

-Quem poderia ter trazido tudo isso? - perguntaram-se.

-Será possível que alguém mais se salvou do dilúvio?

-E onde está escondido, então?

-E onde conseguiu os alimentos?

-Será que os deuses estão novamente nos protegendo?

Nenhuma dessas perguntas pôde ser respondida. No dia seguinte, com certa esperança no coração, os dois irmãos saíram novamente em busca de alimento. Mas, sem terem achado nada, fizeram o caminho de volta.

-Veja, Ucumári! A mesa está servida! - gritou Cushiyuc.

Com efeito, o milagre se repetira e voltou a se repetir nos dias que se seguiram, ao fim dos quais os irmãos, surpresos, decidiram averiguar quem os favorecia de modo tão especial. Para tanto, combinaram de se esconder atrás das camas e observar o que acontecia em sua ausência.

Mal haviam transcorrido as primeiras horas da manhã, quando ruídos de asas precederam a entrada de duas enormes araras com rosto de mulher. Sua plumagem era vistosa, semelhante a um leque multicolor, e na cauda, muito longa, predominavam o vermelho, o azul, o verde e o amarelo.

-Então, são elas que nos tratam tão bem! -disseram juntos os jovens escondidos. E acrescentaram:

-Como são lindas! -ao mesmo tempo que saíam de seu esconderijo.

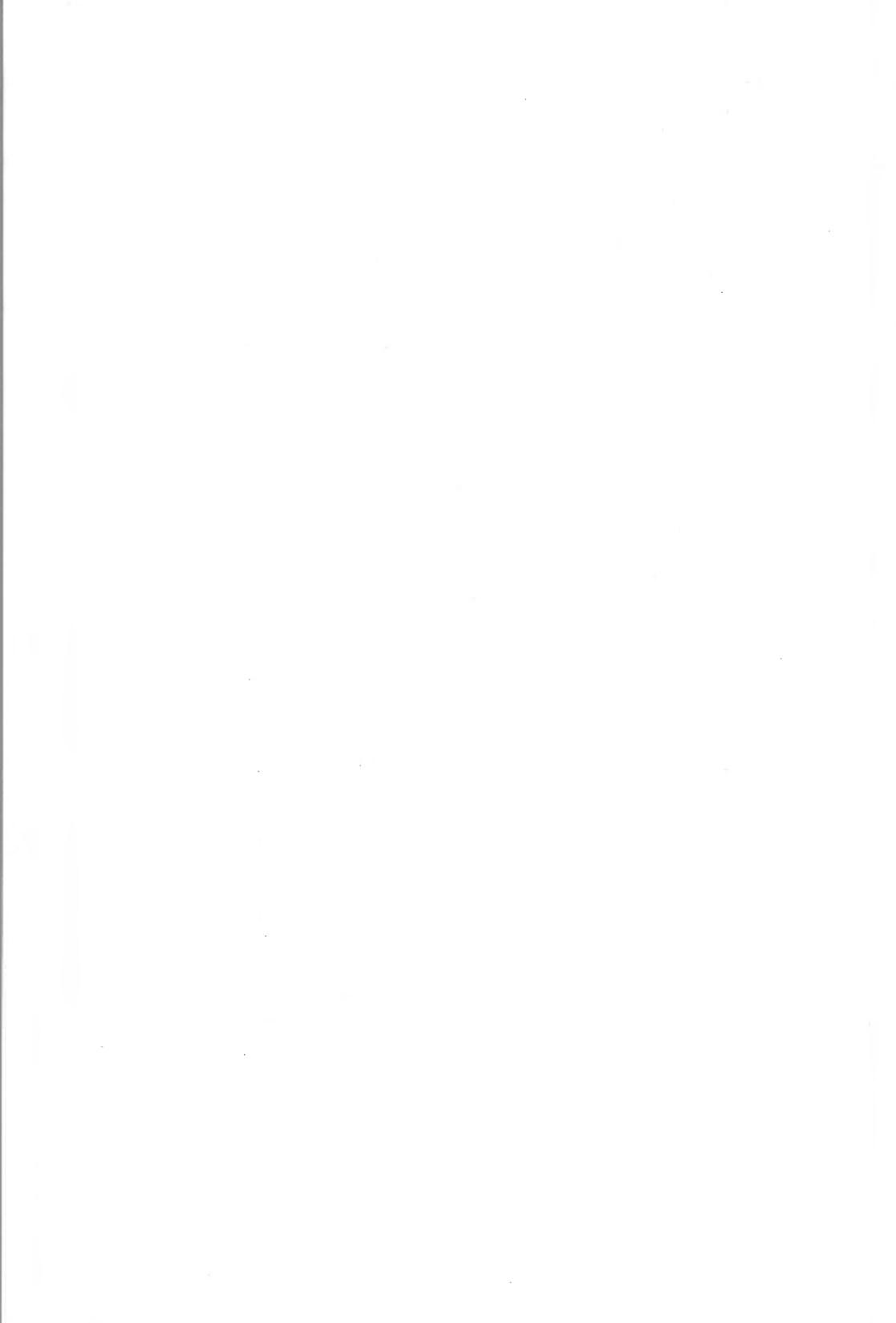
As aves, assustadas, soltaram os alimentos que traziam e tentaram fugir, mas foram seguras pelos irmãos.

Ao serem agarradas, novo milagre operou-se diante dos olhos dos jovens, cada vez mais admirados: as araras transformaram-se em belíssimas donzelas, que Ucumári e Cushiyc tomaram por esposas.

Desses casamentos nasceram muitos filhos, que deram origem à nação dos Canhárís, povoadores legendários da Província de Azuay.

Desde então, as araras têm sido objetivo de veneração por parte desse povo.

Monsenhor Federico González Suárez
Versão final: Francisco Delgado Santos



MÉXICO

OPRÍNCIPE TUKULUCHÚ (Coruja)

Há muitos anos, quando os homens tinham a alma branca e simples, havia na terra, na verdade, encantos e milagres. Então os pássaros falavam, as serpentes se apaixonavam por donzelas que quebravam o feitiço maléfico e como milagre de amor se convertiam em jovens e príncipes. Daquela distante época é a maravilhosa e simples lenda maia, conhecida como *O Príncipe Tukuluchú*.

Há muitos anos, tantos que não se podem contar, vivia na sagrada cidade de Chinkultic um príncipe belíssimo e grande guerreiro, chamado Tukuluchú.

O príncipe Tukuluchú tinha os olhos cor de cobre e a pele como terra suave, usava o "hulché" (lança) com tanta destreza, que sacerdotes, guerreiros e nobres garantiam que o filho do rei, o das mãos mágicas e pupilas de águia, era descendente direto do deus Sol.

O príncipe Tukuluchú vivia ao lado de seu pai, em um palácio de amplos aposentos, lindos pátios, altas torres e misteriosas passagens; mas, apesar de tanta beleza, fugia dos encantos da corte para procurar refúgio no mistério dos bosques, onde, sem misericórdia, enterrava seu "hulché" nos troncos gigantes, nas garças e nos veados, nas feras e nos pássaros, chegando a ferir até a delicada mariposa e o nervoso colibri.

Uma manhã em que o príncipe Tukuluchú havia adestrado por horas e horas sua mão, matando indefesos cardeais e araras, sentiu desejos de pôr a prova sua destreza atirando seu "hulché" em direção ao céu.

O príncipe subiu nas rochas mais altas e ali, com mão segura, atirou seu "hulché". Como um raio provocado pelos emissários da água, assim subiu velozmente a arma de penas tornassol até chegar a roçar o flamejante disco do sol.

O príncipe Tukuluchú emitiu um grito selvagem: Tinha ferido o deus Kin-Sol! Sua mão era invencível e seu "hulché", mágico.

Do céu despreendeu-se a arma, trazendo na ponta um pedaço do sol.

Os olhos de água do príncipe viram cair seu "hulché" além das montanhas, razão pela qual rapidamente tirou sua roupa carregada de ouro e de pedras e seus colares de jade para poder correr mais depressa. Quando ficou quase despido, ágil como um veado, desceu aos despenhadeiros, correndo em direção às montanhas.

Ao passar perto de um pântano jaspeado de verde e negro, Kakás, o gênio mau, gritou-lhe:

-Aonde vai, príncipe Tukuluchú?

-Vou buscar meu "hulché", que tem na ponta um pedaço de sol.

-Não vá, príncipe Tukuluchú, que o deus Kin pode matá-lo...

O príncipe, sem fazer caso, prosseguiu seu caminho, e ao passar pelo monte Nohochtát, o Senhor do monte, pequenino e gorducho, brincava diante de um galho aceso; mas, ao ver o príncipe, parou de dançar para gritar-lhe:

-Aonde vai, príncipe Tukuluchú?

-Vou buscar meu "hulché", que tem na ponta um pedacinho de sol.

-Não vá, disse-lhe, o Senhor do mal, Kin, pode zangar-se e matá-lo.

O príncipe Tukuluchú continuou correndo sem parar.

Quando bordejava um lago, Yunchaac, o Senhor das águas, perguntou-lhe:

-Aonde vai, príncipe Tukuluchú?

-Vou buscar meu "hulché", que tem na ponta um pedaço de sol.

-Não vá, volte para seu palácio.

Mas o príncipe, sem fazer-lhe caso, continuou correndo.

Ao atravessar a selva, Quchpán, uma bela donzela, veio ao seu encontro, e tratando de detê-lo, disse-lhe:

-Aonde vai, príncipe Tukuluchú?

-Vou buscar meu "hulchê", que tem na ponta um pedaço de sol.

-Não vá, disse-lhe, volte para seu palácio, e tentou distraí-lo com seus encantos, mas o príncipe esquivou suas mãos e, correndo velozmente, fugiu.

Ao atravessar uma perigosa selva, a voz doce de Yumil Kax, Dona do Bosque, disse-lhe:

-Príncipe Tukuluchú, não siga esse caminho. Regresse. O deus Kin é vingativo e poderá causar-lhe dano.

Mas, o príncipe prosseguiu seu caminho, deixando muito atrás a selva.

Na encruzilhada de um caminho apareceu-lhe o deus IK -deus do vento- e, caminhando diante dele, arrancava pela raiz as árvores, impedindo-lhe a passagem. Mas, o príncipe Tukuluchú, levado pela obsessão de conseguir seu "hulchê", saltava sobre os troncos caídos, afastando-se em direção à montanha.

-Venha, ouviu que lhe diziam suavemente. Não continue, venha descansar debaixo de minha sombra. Eu lhe darei o esquecimento.

O príncipe, banhado em suor, sedento e cansado, procurou com o olhar quem o tentava. No meio do extenso campo se erguia a frondosa Helel boy - árvore do descanso- cuja sombra refrescante era tentadora.

O príncipe Tukuluchú esteve tentado por descansar debaixo dessa sombra acolhedora; mas ao descobrir, lá junto ao azul da montanha, seu "hulchê", em cuja ponta brilhava como o ouro um pedaço de sol, apressou seus passos:

-Detenha-se! Ouviu que lhe diziam imperiosamente.

-Não toque nisso, gritaram-lhe mais forte.

Mas o príncipe, ansioso de possuir seu "hulchê", estendeu a mão para apanhá-lo, quando um poderoso redemoinho se apoderou dele, aprisionando-o entre suas correntes e elevando-o tão alto que a terra parecia um pontinho negro.

Por horas e horas o vento esteve golpeando-o; deixava-o cair sem tocar terra; elevava-o tão alto que a respiração lhe faltava, e o príncipe, brincado do deus do vento, acabou por desmaiar.

Quando abriu as pálpebras, seu espanto não teve limites. Estava pousado no alto dos galhos de uma bela ceiba e era um pássaro de plumagem escura, cujas pupilas não podiam ver o sol: Tukuluchú, o príncipe, tinha sido transformado em uma coruja!

Foi assim como Kimich Ahuau, o deus Sol, castigou quem havia ousado tirá-lo um pedaço de seu áureo disco.

Lenda Popular

PARAGUAI

A LENDA DAS CATARATAS

Há muitos anos, quando a terra era quase plana, as águas dos rios corriam mansamente e o vento era brisa, viviam em um povoado duas famílias de índios.

Os caciques sempre brigavam para demonstrarem sua força e seu poder. Desde crianças eram rivais e um sempre queria ser mais forte do que o outro.

Cresceram e apaixonaram-se por duas belas índias.

Quando a lua nova apareceu atrás dos montes, nasceram duas lindas crianças desses dois casais.

Uma menina e um menino, e aí começou uma nova discussão: qual das duas crianças seria a melhor.

As crianças cresceram brincando de esconde-esconde à beira do rio.

Yaritsa transformou-se em uma bela princesa de pele morena e grandes olhos castanhos.

Nasceu entre eles um grande amor, e decidiram comunicar a suas famílias sua vontade de casar-se.

Diante da oposição de seus pais, decidiram fugir, mas o grande feiticeiro da selva, que tudo ouve e vê, descobriu o segredo e raptou a princesa.

O índio caminhou durante muito tempo, dia e noite à sua procura.

A princesa chorava sua pena de amor, deixando cair cataratas de lágrimas. Chorava, chorava e suas lágrimas formaram um grande rio.

O príncipe, diz a lenda, morreu de amor ao pé da catarata.

A princesa continua derramando lágrimas e molha todos os visitantes com mil gotinhas invisíveis.

Diz o feiticeiro da selva que são as gotas de amor da índia que fazem com que até nossos dias seja o lugar mais romântico e melancólico do mundo.

Nirê Collazo

PERU

O AMARU

APRESENTAÇÃO

O Amaru é um mito ancestral muito difundido no Peru, com diversas versões regionais, inclusive com diferentes nomes, como, por exemplo, Panki, na amazônia peruana. Trata-se de uma divindade relacionada com as profundezas, a água e a fertilidade.

GLOSSÁRIO

Cantu: adaptação de *gantu*, também conhecido como *cantuta*. Arbusto talvez originário do altiplano, cuja flor de cor vermelha foi muito admirada pelos incas, que introduziram o seu cultivo entre os povos dominados, chamando-a *flor do inca*.

Houve um tempo em que uma grande seca se abateu sobre a terra. E como parecia que tudo estava condenado a desaparecer, não sobrou nada, nem mesmo vestígio do rebelde capim que cresce nos planaltos andinos. Pereceram plantas e ervas de colinas e baixadas, e até os líquens e os musgos que nascem nas pedras se extinguíram sob o sol implacável.

Os campos rachavam, sedentos, e no leito dos antigos rios e açudes abriam-se fendas e estendiam-se planícies poeirentas. As pedras ficavam em brasa, sem árvores que lhes dessem sombra. E sobre a terra parda, de cascalhos pequenos e cortantes, o vento assobiava.

Mesmo o *cantu*, a única flor que resiste e floresce na aridez e na estiagem, sentiu murchar as suas pétalas, suas folhas e, depois, se consumirem suas raízes. Dele só restava um ramo com um botão intacto, que pouco a pouco brotou entre uns galhos retorcidos.

Quando a flor se abriu, olhou ao longe a montanha sagrada e, recusando-se a morrer, transformou suas pétalas em asas, sua corola em peito e os espinhos de seu galho em plumas; do estame amarelo-azul-vermelho surgiu a fina cabeça de um beija-flor, que, sacudindo-se, se soltou com dificuldade da planta, que ficou para trás, calcinada.

Por um breve instante ele revoou no ar quente e, transformando sua fragilidade em força, rumou para o alto, em direção à cordilheira. Chegou até a margem da lagoa de Wacrococha, incrustada na rocha mais dura, e contornou-a sem se atrever a beber ou, mesmo, a sobrevoar suas águas, que se estendem quietas numa concha prateada.

Depois de contemplar suas águas insondáveis, voou para o cume do Waitapalhana, o monte mais alto de uma cadeia de picos encrespados e profundos precipícios, onde jamais penetraram o falcão, o condor ou a águia.

Já exausto, o beija-flor pousou no cume congelado pelo vento. Com o coração sangrando e com o pouco de ar que lhe restava, suplicou ao monte:

—Pai Waitapalhana, nós te adoramos, e te suplicamos que nos escutes, porque nas tuas entranhas fomos gerados. Tem piedade da terra! Salva-nos da seca!

Dito isso, despencou, e um feixe de plumas esparramou-se pela rocha intacta, manchando-a de vermelho.

O Waitapalhana experimentou uma profunda tristeza que se uniu à aflição que sentia por ver a terra estéril e devastada. Reconheceu no pássaro o perfume da amada flor de *cantu*, que sempre floresce enfeitando seu manto sagrado e embelezando os dias de duração de sua festa.

Tal foi sua dor e tão profundas as batidas de seu coração, que duas lágrimas de duríssima rocha escorreram por suas faces e, caindo das alturas por profundos precipícios, chegaram até as águas do Wacrococha, que se abriu, fazendo retumbar o universo.

O estrondo, a tristeza e as lágrimas do Waitapalhana chegaram até o fundo das águas e despertaram o poderoso Amaru, que dorme enroscado nas profundezas da cordilheira e cuja cabeça descansa no leito da lagoa encantada.

Lentamente, ele se espreguiçou. A terra sacudiu com violência. As montanhas caíram envoltas em pó. Os rochedos rolaram, fazendo um barulho ensurdecedor.

O Amaru deslizou suavemente a cabeça, enquanto se esticava. A princípio, só se percebeu um leve tremor na superfície da lagoa; depois, uma oscilação nas margens translúcidas e logo um marulho que estremeceu o granito, levantando-se, em seguida, uma turbulência de espumas e de águas agitadas.

No centro da lagoa, apareceu o divino Amaru, serpente alada, com cabeça de lhama e rabo de peixe, de olhos cristalinos e de um fulgor transparente, de focinho avermelhado e pálpebras perfeitas. Ele mergulhou e levantou sua cabeça, coberta pela mesma lã branca e ruiva que lhe envolve o pescoço, a testa e as orelhas, e passou seu olhar inocente num estranho encontro entre o dia de fora e a noite de dentro.

Com movimentos sinuosos, suspendeu-se no ar, ondulando estrondosamente seu corpo inviolável. O sol, ao vê-lo, irritou-se. Seus raios, confusos, reverberaram no espaço infinito. O amarelo de sua cara implacável transformou-se em roxo-vermelho-negro. Sua cabeça de fogo e seus olhos flamejantes explodiram de ira. E dez mil guerreiros de cor vermelha, queixos cobertos por barbas prateadas, munidos de elmos, couraças e esporas e cavalgando em briosos corcêis, lançaram-se a combatê-lo.

O Amaru, ao vê-los se aproximarem, saiu ao seu encontro, levantando-se imponente. Movendo a cauda, atacou com força demolidora, desorganizando os feixes de fogo.

Ao redor, ouviram-se uma descarga de raios, um estalido de escudos e lanças que se quebravam. Viram-se fulgores e ouviram-se estrondo. O Amaru ondulou seu corpo ágil ao vento. A luta foi feroz e incerta!

Do focinho agitado do Amaru começou a se desprender uma névoa, que se enroscou nos cumes das montanhas e se espalhou entre os penhascos. Do movimento de suas asas precipitaram-se as chuvas, que foram caindo, gota a gota e, depois, em torrentes. De sua cauda de peixe despreendeu-se o granizo em bolas redondas e transparentes, que, ao cair, escorregavam pelas encostas.

O corpo ardente do Amaru começou a soltar fogos dourados e brilhos de prata, de cujos reflexos nasceu o arco-iris.

Assim, voltou a correr a água, quando a vida parecia extinta. Caiu a chuva e iluminaram-se os olhos d'água. Renasceram os córregos e reverdeceram as ervas. Encheram-se os leitos dos rios e suavizaram-se as campinas.

Nossos antepassados pensam que nas escamas resplandecentes do Amaru estão inscritos todos os signos e assuntos; previstas todas as paisagens, todas as flores, o minúsculo orvalho e as cachoeiras impetuosas; todas as letras, todos os números e todas as chaves; as cestas cheias ou vazias, assim como os ataúdes lentos. Nelas, estão traçados todos os caminhos, bem como erigidas e extintas todas as cidades; residem todos os pressentimentos e todos os desalentos. Ali, nascem realidades e sonhos.

Danilo Sánchez Lihón

URUGUAI

ATARTARUGA GIGANTE

Havia uma vez um homem que vivia em Buenos Aires e estava muito contente porque era um homem forte e trabalhador. Mas um dia adoeceu, e os médicos lhe disseram que somente poderia curar-se se fosse morar no campo. Ele não queria ir, porque tinha irmãos pequenos que devia alimentar. Até que um amigo seu, que era diretor do Zoológico, disse-lhe:

-Você é meu amigo, e é um homem bom e trabalhador. Por isso quero que vá morar no campo e fazer muito exercício ao ar livre para curar-se. E como você tem muita pontaria com a espingarda, deverá caçar bichos do campo para trazer-me os couros, e eu lhe pagarei adiantado para que seus irmãozinhos não passem fome.

O homem doente aceitou, e foi morar no campo, longe, ainda mais longe que Misiones. Lá fazia muito calor, e isso lhe fazia bem.

Vivia sozinho no bosque, e ele cozinhava. Comia pássaros e bichos do campo, que caçava com a espingarda, e depois comia frutas. Dormia debaixo das árvores, e quando fazia mal tempo construía, em cinco minutos, um abrigo com folhas de palmeira, e ali ficava sentado e fumando, muito contente no meio do bosque, que rugia com o vento e a chuva.

Tinha amarrado couros de animais, que carregava no ombro. Tinha também aprisionado, vivas, muitas cobras venenosas, e as levava em um grande balão, porque lá existem balões tão grandes como uma lata de querosene.

O homem tornou-se saudável. Estava forte e tinha apetite. Em um dia em que tinha muita fome, porque fazia dois dias que não caçava nada, viu na margem de uma grande lagoa um enorme tigre que queria comer uma tartaruga, e tentava segurar a tartaruga para retirar a carne com as garras. Ao ver o homem, o tigre rugiu com força e saltou sobre ele. Mas o caçador, que tinha uma grande pontaria, apontou-lhe entre os dois olhos, e partiu-lhe a cabeça. Depois tirou-lhe o couro, tão grande, que serviria de tapete para um quarto.

-Agora, o homem disse para si mesmo, vou comer a tartaruga, que é uma carne muito gostosa.

Mas quando se aproximou da tartaruga, viu que ela estava ferida, e tinha a cabeça quase separada do pescoço, presa em dois ou três fiapos de carne.

Apesar da fome que sentia, o homem teve pena da infeliz tartaruga, e a levou arrastando com uma corda até sua cabana e vendou sua cabeça com tiras de pano de sua camisa, porque não tinha mais que uma camisa. Levou-a arrastando porque a tartaruga era enorme, tão alta como uma cadeira, e tão pesada como um homem.

A tartaruga ficou encostada a um canto, e ali passou dias e dias sem mover-se.

O homem a curava todos os dias, e fazia carícia em seu casco.

A tartaruga finalmente ficou boa. Mas, então foi o homem que adoeceu. Teve febre e sentia dores pelo corpo todo.

Depois não pôde levantar-se mais. A febre aumentava sempre, e a garganta lhe queimava de sede. O homem compreendeu que estava gravemente doente, e falou em voz alta, mesmo estando só, porque tinha muita febre.

-Vou morrer, disse o homem. Estou sozinho, já não posso levantar-me mais, e não tenho quem me dê água. Vou morrer aqui, de fome e de sede.

Em pouco tempo, a febre aumentou e o homem perdeu o conhecimento.

Mas a tartaruga o escutou e entendeu o que o caçador dizia.

E pensou:

-O homem não me comeu, embora tivesse muita fome, e me ajudou. Eu vou ajudá-lo agora.

Foi então à lagoa, procurou um casco de tartaruga pequena, e depois de limpá-lo bem com areia e cinza, encheu de água e deu de beber ao homem, que estava deitado sobre sua manta e morria de sede. Depois começou a procurar

raízes e ervas ternas e levou para que o homem comesse. Ele comia sem perceber quem lhe dava a comida, porque delirava de febre e não reconhecia ninguém.

Todas as manhãs a tartaruga percorria o campo procurando raízes para dar ao homem, e lamentava não poder subir nas árvores para levar-lhe frutas.

O caçador comeu assim dias e dias, sem saber quem o alimentava, e um dia recuperou o conhecimento. Olhou para todos os lados, e viu que estava só, pois ali não havia ninguém além dele e a tartaruga, que era um animal. E disse outra vez em voz alta:

-Estou sozinho no bosque, a febre vai voltar de novo, e vou morrer aqui, porque somente em Buenos Aires há remédios para curar-me. Nunca mais poderei voltar, e vou morrer aqui.

E como ele tinha previsto, a febre voltou, mais forte que antes, e ele perdeu, novamente, o conhecimento.

Mas também desta vez a tartaruga o escutou, e disse para si mesma:

-Se ficar aqui no campo morrerá, porque não há remédios; tenho que levá-lo a Buenos Aires.

Dito isso, cortou cipós finos e fortes, que são como cordas, deitou com muito cuidado o homem em cima de seu casco, e o amarrou bem com os cipós para que não caísse. Arrumou bem a espingarda, os couros e o balaio com as cobras, e afinal conseguiu, sem incomodar o caçador, começar a viagem.

A tartaruga caminhou, caminhou e caminhou de dia e de noite. Atravessou matas, campos, atravessou a nado rios de uma légua de largura e atravessou pântanos onde ficava quase enterrada, sempre com o homem semimorto no casco. Depois de oito ou dez horas de caminhar parava, desfazia os nós e deitava o homem com muito cuidado em um lugar onde tivesse capim bem seco.

Ia procurar água e raízes ternas, para dar ao homem doente. Ela comia também, embora estivesse tão cansada, que preferia dormir.

Às vezes tinha que caminhar ao sol; e como era verão, o caçador tinha tanta febre que delirava e morria de sede. Pedia: água! água! a cada instante. E cada vez a tartaruga tinha que dar-lhe de beber.

Assim andou dias e dias, semanas e semanas. Cada vez estavam mais perto de Buenos Aires mas, também, cada dia a tartaruga ia enfraquecendo, tinha menos força, embora ela não se queixasse. Às vezes ficava deitada, completamente sem forças, e o homem recobrava em parte o conhecimento. E dizia, em voz alta:

-Vou morrer, estou cada vez mais doente, e só em Buenos Aires me poderão curar. Mas morrerei aqui, sozinho no campo.

Ele sempre pensava que estava na cabana, porque não percebia nada. Então, a tartaruga levantava-se e reiniciava o caminho.

Mas um dia, um entardecer, a coitada da tartaruga não pôde mais. Tinha chegado ao limite de suas forças, e não agüentava. Fazia uma semana que não comia para chegar mais depressa. Não tinha mais força para nada.

Quando calu completamente a noite, viu uma luz ao longe no horizonte, um resplendor que iluminava o céu, e não soube o que era. Sentia-se cada vez mais fraca, e fechou então os olhos para morrer junto com o caçador, pensando com tristeza que não tinha podido salvar o homem.

Mas, já estava em Buenos Aires, e ela não o sabia. Aquelas luzes que via no céu eram da cidade, e pensou que ia morrer quando já estava aí no final de sua heróica viagem.

Mas um rato da cidade -possivelmente o ratinho Pérez- encontrou os dois viajantes semimortos.

-Que tartaruga!, disse o rato. Nunca vi uma tartaruga tão grande. Que é isso que você leva no casco? É lenha?

-Não, respondeu com tristeza a tartaruga. É um homem.

-E onde você vai com este homem?, curioso, perguntou novamente, o rato.

-Vou... vou... Queria ir a Buenos Aires, balbuciou a coitada da tartaruga com uma voz tão fraca que apenas se ouvia. Mas, morreremos aqui porque nunca chegaremos.

-Ah, boba, boba!, disse rindo o ratinho. Nunca vi uma tartaruga mais boba! Se você já está em Buenos Aires! Essa luz que você vê ali é Buenos Aires.

Ao ouvir isto, a tartaruga sentiu-se com uma enorme força porque ainda tinha tempo de salvar o caçador, e reiniciou sua caminhada.

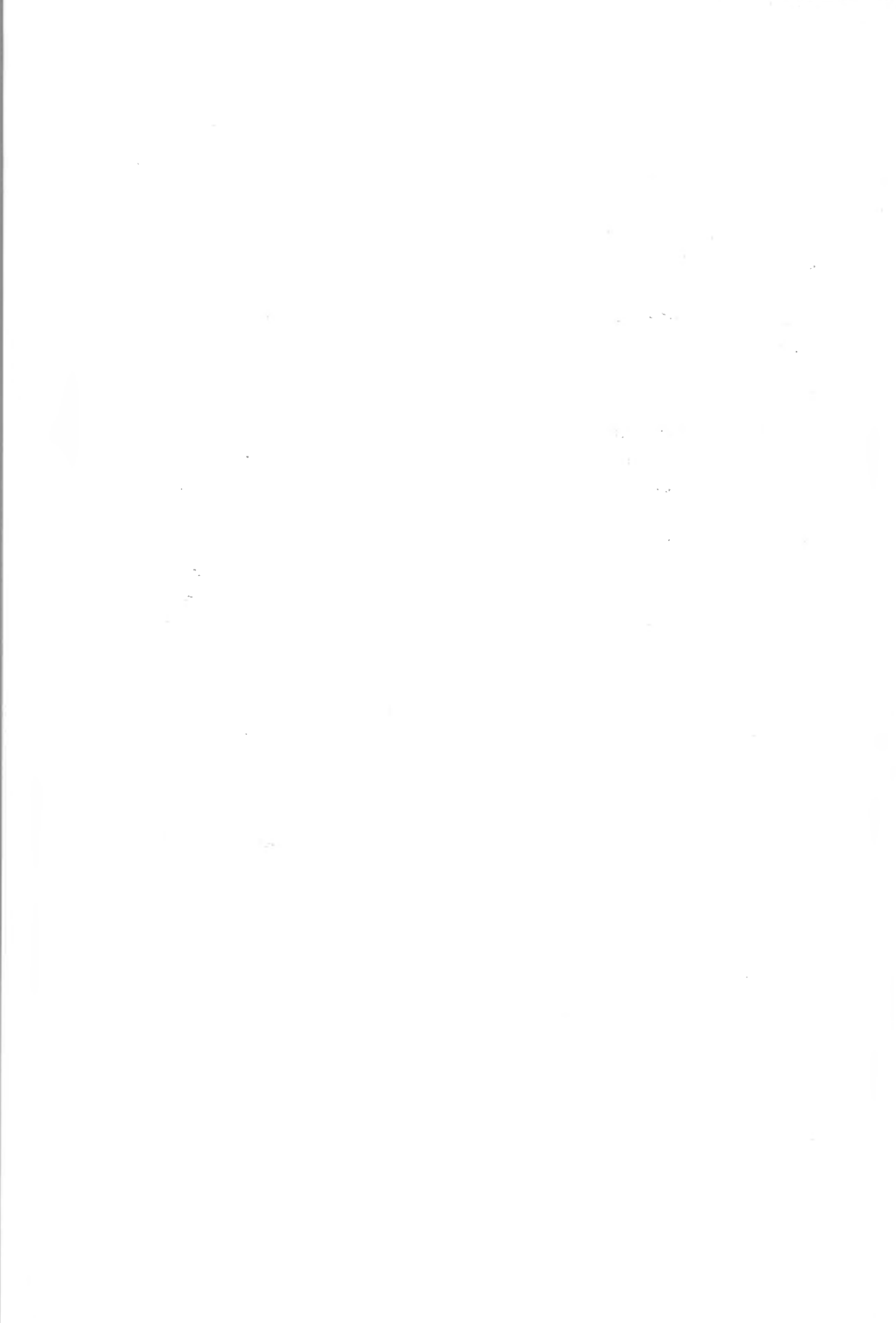
E ainda de madrugada, o diretor do Jardim Zoológico viu chegar uma tartaruga suja de barro e muito fraca, que trazia no casco, amarrado com cipós, um homem que estava morrendo. O diretor reconheceu seu amigo, saiu correndo à procura de remédios, com o que pôde salvar o caçador.

Quando o caçador ficou sabendo como tinha sido salvo, como tinha sido feita a viagem de trezentas léguas para que tomasse remédios, não quis separar-se mais da tartaruga. E como não podia ter em sua pequena casa a tartaruga, o amigo se ofereceu para tê-la no Jardim Zoológico, e cuidar dela como se fosse sua própria filha.

E assim foi. A tartaruga, feliz e contente com o carinho que lhe dão, passeia por todo o Jardim, e é a mesma grande tartaruga que vemos todos os dias comendo capim ao redor das jaulas dos macacos.

O caçador vai vê-la todas as tardes e ela reconhece de longe, pelos passos, seu amigo. Ficam juntos, e ela não deixa que ele vá embora sem antes passar-lhe as mãos pelo casco.

Horacio Quiroga



VENEZUELA

OROMANCE DA TIA RAPOSA E DO TIO COELHO

Há muito tempo, dez ou doze anos, talvez, a vaidosa Tia Raposa tinha quatro candidatas ao mesmo tempo. E vocês já sabem quem eram: os três valentes e corpulentos da selva: Tio Tigre, Tio Leão, Tio Jacaré, e o pequeno, astuto e invencível Tio Coelho.

Passavam os dias e as noites e Tia Raposa não se decidia por nenhum dos três poderosos, porque, na realidade, não levava o Tio Coelho em consideração, e até tinha pena dele:

-Ai Tio Coelho! Mas como quer que me apaixone por você, se você é tão pequeno e fraco...e além disso, tem as orelhas tão grandes! Todos caçariam de mim e você não poderia defender-me nem mesmo sair a caçar para alimentar-me.

-Mas, Tia Raposa, o que acontece é que você se deixa impressionar pelo tamanho de seus pretendentes. Mas, na realidade, esses três já os tenho dominados. Além do mais, os três estão a meu serviço. Aqui entre nós, e que ninguém nos ouça, o Tio Tigre é o meu cavalo.

-Ra, ra, ra, ra! Ai, Tio Coelho! Se há alguma coisa que não lhe falta são idéias, você é muito engraçado. Mas, como o Tio Tigre vai ser seu cavalo? Você montando no Tio Tigre como se fosse um cavalo? Ra, ra, ra, ra, ra, ra!

-Bem, se você não acredita em mim, azar seu, disse o Tio Coelho indiferentemente.

-Não, não é que eu não acredite; mas ninguém poderia acreditar nisso. E diga-me, por casualidade, não será o Tio Leão que nos dias de calor o abana?

-Pois lhe direi que não me abana porque eu não lhe ordenei; mas quando não encontro uma boa árvore... mando chamá-lo para que me dê sombra e deito entre suas patas.

-Ai, Tio Coelho! Como você é engraçado!

-Bem, olhe, acredite se quiser, mas assim são as coisas.

Dito isso, Tio Coelho deu meia volta para ir embora quando a Tia Raposa, mordida pela dúvida, pediu-lhe que a desculpasse e prometeu-lhe que se ele demonstrasse seu poder sobre os três poderosos, ela lhe daria seu amor. Tio Coelho aceitou o desafio e ofereceu chegar à casa da Tia Raposa montado no Tio Tigre, trazendo em uma de suas mãos um pêlo da barba do Tio Leão e na outra um dente do Tio Jacaré.

Tia Raposa aceitou satisfeita. Tio Coelho se despediu da Tia Raposa, cheio de esperanças, e partiu pelo caminho que leva ao rio. No caminho improvisou um versinho para não esquecer o prometido:

Com o dente de Tio Jacaré
e o pêlo de Tio Leão
cavalgarei esse Tigre bobão
e a Tia Raposa será meu amor.

Quando Tio Coelho chegou à beira do rio começou a gritar:

-Tio Jacaré! Psiu, psiu! Tio Jacaré! Aprese-se, que a Tia Raposa quer vê-lo.

-Ah? Sim? Já vou. Já vou.

-Aprese-se, que eu irei na frente para avisar-lhe que você já vai.

Dito isto, Tio Coelho deu alguns passos e se escondeu entre as moitas do caminho. Ali, com um bom garrote entre suas mãos, ficou esperando que passasse Tio Jacaré. Tio Coelho pôs as orelhas bem de pé, esticou o focinho, abriu bem os olhos e quando Tio Jacaré, que é tão lento e torpe fora da água, passou, chamou-o:

-Psiu! Psiu!

Tio Jacaré, movendo sua cabeça na direção de onde o chamavam e abrindo sua bocarra, perguntou:

-Quem me chama?

Nesse momento Tio Coelho deu-lhe com o garrote na mandíbula com tanta força e certeza que um dente voou pelos ares. Tio Coelho correu, correu... e agarrou o dente com a destreza de um grande jogador de beisebol, e fugiu cantando seu versinho:

Com o dente de Tio Jacaré
e o pêlo do Tio Leão
cavalgarei esse Tigre bobão
e a Tia Raposa será meu amor.

Quando ia pelo caminho, quase dá um encontrão no Tio Leão, que estava deitado debaixo de uma árvore fazendo sua sesta, depois de ter-se banqueteadado com um veado. Aproveitando que o Tio Leão estava alimentado, meio sonolento por tão pesada digestão, Tio Coelho aproximou-se e disse-lhe:

-Alô! Poderoso amigo! Como vai você?

-O que você deseja, Tio Coelho? Deixe-me dormir tranqüilo.

-Pois não, Jovem alteza... Mas... ui, que vejo! Tio Leão, que vergonha! Ninguém lhe havia visto isto antes? Perguntou o Tio Coelho, olhando fixamente para a barba do Tio Leão.

-O quê? O quê?, disse o Tio Leão, levantando sua cabeça, assustado.

-Tem um pêlo branco na barba, Majestade. Como pode ser? Imagine se a Tia Raposa vê isto.

-Cale a boca, Coelho! Ordeno-lhe que o arranque agora mesmo!

-Seus pedidos são ordens, Alteza!, disse Tio Coelho. E, depois de arrancar-lhe um pêlo da barba, o Tio Coelho continuou seu caminho. Logo que se afastou o suficiente, começou a cantar seu versinho e dirigiu-se para a toca do Tio Tigre.

Agora faltava o mais difícil, mas a astúcia do Tio Coelho não tem limites. E, além do mais, pelo amor da Tia Raposa estava disposto a fazer qualquer coisa. Assim que, ao aproximar-se da toca do tigre, deitou-se debaixo de uma árvore

e começou a queixar-se e a chorar escandalosamente. Tio Tigre não demorou em aproximar-se para ver o que acontecia:

-O que é que você tem, tio Coelho? Por que está assim?

-Ai, ai, ai, ai, ai!

-Bem, mas o que acontece?

-Ai, Tio Tigre! Comi umas ervas daninhas e não suporto a dor de estômago, nem posso caminhar! Ai, Tio Tigre! Ajude-me! e prometo nunca mais fazer-lhe brincadeiras. Ai, ai, ai, ai! E também prometo ajudá-lo a conquistar a Tia Raposa. Ai, ai, ai, ai!

-E como você poderia ajudar-me, Coelho insignificante?

-Ai! Não sei, Tio Tigre. Prometo-lhe que pensarei, mas ajude-me.

-Depressa, porque em lugar de ajudá-lo, eu vou comer você.

-Já sei! Já sei! Você sabe que o que mais aprecia Tia Raposa é a nobreza e a solidariedade?

-É mesmo?

-Claro. Por isso acho que o que mais lhe convém... Não, deixe assim, deixe, você não seria capaz de ter uma atitude solidária.

-Diga, diga, ou eu comerei você!

-Está bem; diante de tanta insistência, direi. Eu acho que a melhor maneira de impressionar a Tia Raposa é que você me leve a sua casa na garupa para que ela me cure.

-Você está louco! Em mim ninguém monta, e menos diante da Tia Raposa.

-Não disse que você não seria capaz? Mas, está bem, você perde a Tia Raposa. Eu somente queria ajudá-lo. Tio Leão já estará por lá... Melhor deixe-me tranqüilo com minha indisposição. Ai, ai, ai, ai!

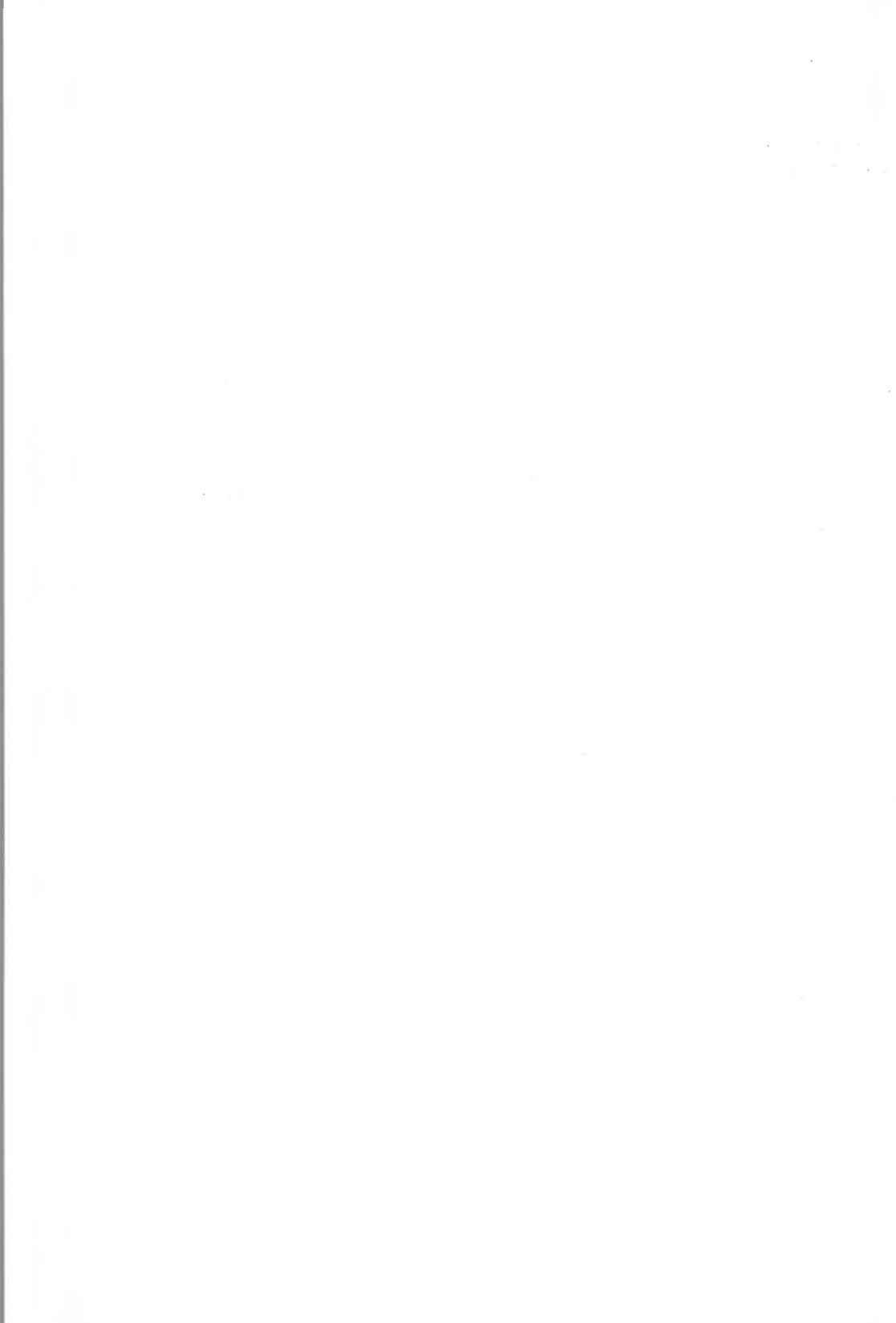
-Não, Tio Coelho. Por favor, ajude-me. Suba, suba, implorou, finalmente, Tio Tigre. E assim foi como o Tio Coelho conseguiu montar-se no tigre.

Ao chegar à casa da Tia Raposa, montado no Tio Tigre, Tio Coelho levantou seus braços mostrando à Tia Raposa o pêlo da barba do Tio Leão em uma mão e o dente do Tio Jacaré na outra. Quando Tia Raposa viu aquilo, ficou admirada de seu herói e nem olhou para o Tio Tigre, senão que correu com seus braços abertos, abraçou o Tio Coelho e levou-o para sua toca.

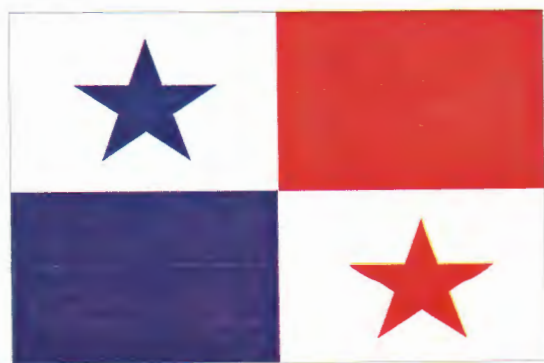
E assim, o pequeno e astuto Tio Coelho conseguiu burlar, mais uma vez, os três animais mais fortes da selva.

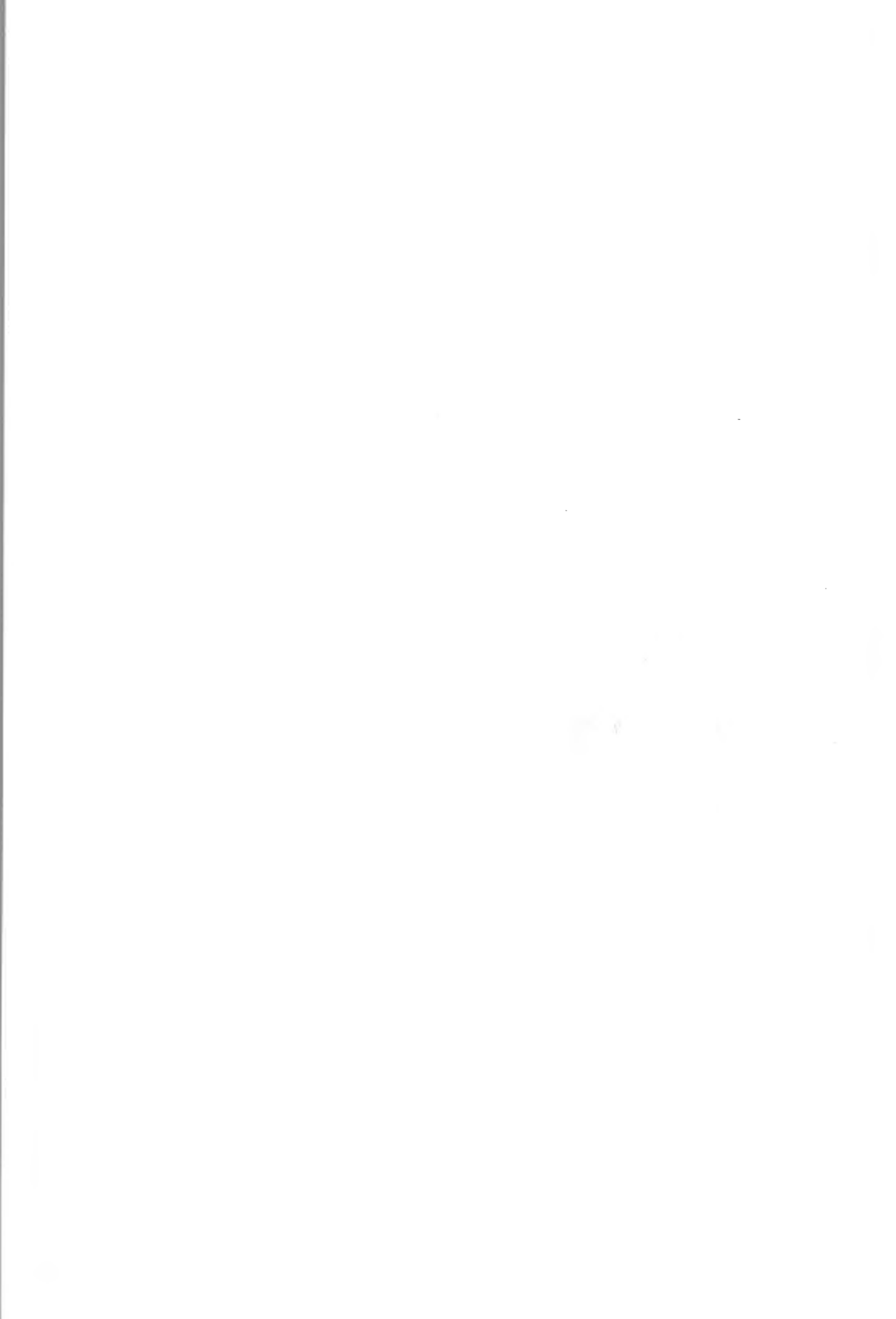
Daniel Mato

*Adaptação do 2º ato de
"O retorno do Tio Coelho",
texto teatral de Daniel Mato, inspirado nos
relatos de tradição oral venezuelana.*



PANAMÁ





PANAMÁ

MORTE NO MAR

O Delfim levantou ainda mais seu lombo negro-verdoso, expeliu com força a água pela abertura nasal e disse:

- Morreremos todos! Necessito uma reunião de emergência.

Suas ondas telepáticas foram captadas pelos cavalinhos-do-mar, os quais, fiéis mensageiros, as transmitiram imediatamente a todos os lugares, e surgiram dos cantos mais recônditos peixes-lua, loros de mar, carpas, salmonetes, peixes-voadores, serras e corvinas. As baleias e os temíveis tubarões chegaram silenciosos e expectantes, em belo contraste com os saltadores e harmônicos movimentos das medusas e polvos.

Em um esbanjamento de cores e beleza, em que alternavam o preto e o branco dos delfins com o verde do peixe loro, o vermelho dos salmonetes e o prateado das corvinas, presidiu a reunião o delfim, e o peixe-martelo atuou como secretário.

- Silêncio!, ordenou. Está aberta a sessão. Reunimos todos vocês aqui porque nossos irmãos morrem; o fundo do mar está povoado de esqueletos e muitos peixes agonizam neste momento. Vocês devem considerar esta realidade para encontrar uma solução.

- Venham todos! Ordenou o delfim. E como tropas ordenadas, os peixes desfilaram em silêncio pelos confins arenosos e presenciaram, impotentes, a dolorosa agonia dos que tratavam de aspirar oxigênio com suas brânquias doentes e negruscas.

- Meu Deus! O que está acontecendo? Qual é a causa destas mortes? Perguntaram todos com ansiedade.

- A contaminação da água! Respondeu o delfim, com voz grave.

- Que significa isso? Que nos expliquem! Perguntaram os tubarões.

- O homem cria fábricas, que despejam nos rios desperdícios sintéticos e tóxicos. Os barcos derramam petróleo ou substâncias químicas nos mares e sepultam em sua profundidade tanques com material radioativo. Envenenam a água!

- E que solução sugere? Como podemos evitar esta catástrofe? Pergun-

taram as corvinas.

- Tenho um plano que espero que dê certo, cochichou o delfim.

E nessa mesma noite dispersaram-se pelas águas e trabalharam até muito tarde. As enguias elétricas irradiaram suas luzes em todas as direções e os restos dos animais foram arrastados até a praia. Os torpedos e tubarões empurraram os mais pesados e as raias e baleias os levaram sobre seus largos lombos.

Ao amanhecer, o mar parecia um grande cemitério de peixes, e todos os jornais do mundo divulgavam a notícia:

- Morte no mar!

Os cientistas, sobressaltados, começaram a estudar as causas do fenômeno, e os governos e organizações internacionais estabeleceram leis severas para castigar os que cometiam o grave delito de contaminar a água dos mares e dos rios, um dos mais preciosos recursos naturais do homem.

Gilma Guerra de López

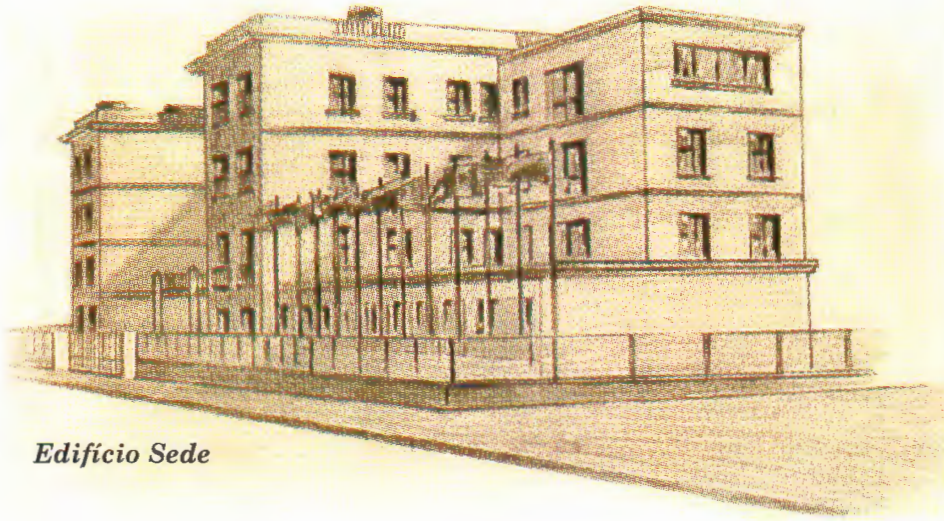
Do Livro: "A Árvore e o Rouxinol"
(Editorial Mariano Arosemena, do Instituto
Nacional de Cultura)

ÍNDICE

	Página
AGRADECIMENTO	V
INTRODUÇÃO	VI
O QUE É A ALADI?	I
LISTA DOS CONTOS	7
- Argentina: Pamela	9
- Bolívia: A Geleira	13
- Brasil: A Boitatá	17
- Chile: O Gigante Enterrado	21
- Colômbia: O Homem-Jacarê	37
- Cuba: Manuella	41
- Equador: Os Papagaios	47
- México: O Príncipe Tukuluchú (Coruja)	51
- Paraguai: Lenda das Cataratas	55
- Peru: O Amaru	57
- Uruguai: A Tartaruga Gigante	61
- Venezuela: O Romance da Tia Raposa e do Tio Coelho	67
- Panamá: Morte no Mar	76

Nota: Tradução e adaptação pela Secretaria-Geral da ALADI.

**Impresso nas Oficinas Gráficas
da Secretaria-Geral da ALADI
Depósito Legal N° 388.856/00
Direitos Reservados
Monteviedéu (Uruguai), julho de 2000.**



Edificio Sede



ALADI

Asociación Latinoamericana de Integración
Associação Latino-Americana de Integração

Cebollatí 1461 - CP 11200, Montevideo-Uruguay
Telefonos: (598-2) 400.1121 - Fax: (598-2) 409.0649
E-mail: sgaladi@aladi.org - Sitio Web: www.aladi.org